

---

# ARTIGOS

---

*Persp. Teol.* 21 (1989) 9-50

## **"SÓ DEUS É GRANDE"** Interpretação histórico-teológica da figura e do movimento de Antônio Conselheiro

*Alexandre Otten S. V. D.*

Antônio Vicente Mendes Maciel foi um pregador leigo que atuou no sertão da Bahia seguindo a tradição dos "homens de Deus" que eram os beatos, os eremitas e os padres missionários, que, por sua vida dedicada à religião, marcaram e mantiveram viva a fé das populações marginalizadas do interior. Ele atua numa época de grandes crises e transformações. O Brasil está em vias de largar, de fato, a era colonial e entrar, de chofre, na modernidade. O regime monárquico é substituído pelo republicano. É abolida a escravatura. As classes cultas se europeizam adotando de maneira confusa as mais diversas idéias modernas como o liberalismo, o evolucionismo, o positivismo e agnosticismo. A Igreja católica empreendendo a reforma ultramontana entra em choque com Estado e elites, faz frente a regalismo e secularização querendo, por sua vez, sacralizar o Estado e renovar a vida religiosa. O poder econômico dos donos de terra é abalado pelas calamidades climáticas e pela crise econômica mundial. O antigo sistema feudal é substituído pelo capitalista. Mas quem sofre mais com estas mudanças é o povo pobre que não entende mais o mundo e se sente ameaçado em sua existência.

É este o tempo em que surge o Conselheiro vaticinando o próximo fim do mundo com o qual ameaça as classes dirigentes como responsáveis pelos males e exorta os pobres à conversão e à penitência. Sentindo-se enviado de Deus ele fala com autoridade reunindo ao redor de si ouvintes e seguidores. A exemplo dos missionários prega missões nas quais realiza também obras como a construção e o conserto de igrejas, capelas e cemitérios. A reação da Igreja católica a respeito é heterogênea. O clero "antigo", na sua grande maioria ignorante, amancebado ou medido em política, aceita o beato e o deixa dar seus conselhos e promover batizados, casamentos, etc. O clero reformado, cioso do seu ministério sagrado, reclama através da Cúria Arquidiocesana atitudes drásticas junto à Presidência da Polícia. No conflito em que se acha o Estado com a

---

Igreja, o poder público se subtrai a socorrer a Igreja em sua luta contra o "falso profeta", como é chamado o Conselheiro pela hierarquia.

O impasse se dissolve apenas depois do advento da República quando o Conselheiro frontalmente ataca o novo sistema. Declara os republicanos responsáveis pela corrupção do mundo e pela opressão que o povo está sofrendo. Há então um tempo de íntima colaboração entre Antônio e muitos vigários sertanejos que, como toda a Igreja, inimizam a República que se separou da Igreja e que a privou de todas as seguranças e privilégios. O Conselheiro vai tão longe a ponto de não reconhecer a República. Há diversos incidentes entre o seu povo e as autoridades das vilas, que leva as autoridades estaduais a não transigirem mais com os desmandos dos conselheiristas e a intimidar seriamente os vigários que apoiam o Conselheiro.

Abandonado pelo clero e exposto o seu povo aos ataques da polícia, o Conselheiro empreende o êxodo da sociedade vista sob domínio do Anticristo e se retira para Canudos, uma fazenda abandonada no alto sertão, onde quer com seu povo preparar e atender em segurança a parusia do Filho do Homem. A tranqüilidade, porém, dura pouco. Os chefes políticos se vêem ameaçados pelo Conselheiro em seu poder político, até então incontestado, e prejudicados economicamente. As suas fazendas se esvaziam da mão-de-obra, e levas de trabalhadores afluem para Canudos que sob o mando do Conselheiro se torna uma vila florescente de um bem-estar até então desconhecido pela população sertaneja. Os chefes políticos pressionam, então, o governo a que disperse o povo e destrua Canudos. No entanto, há pessoas mais sensatas na Assembléia Estadual que advogam meios brandos e suasórios.

Desse modo, o governador se vê obrigado a procurar a ajuda da Igreja pedindo um virtuoso missionário que pela ministração da doutrina cristã possa dispersar o povo. Ela aceita o pedido do Estado e manda em 1895 dois capuchinhos para Canudos. Estes descobrem logo um cisma eclesiástico e, pior, um estado no Estado. Denunciam a anarquia ali reinante e declaram inúteis os meios brandos para recuperar Canudos. Um ano mais tarde, em novembro de 1896, começa por razões mínimas a guerra. Os canudenses conseguem defender-se contra três ataques da força policial militar formada por 100, 600 e 1200 soldados; contra a última, no entanto, que é constituída por 10.000 soldados não resistem. São aniquilados até o último combatente. Prisioneiros não são feitos, nem são poupados mulheres e crianças.

## I. AS INTERPRETAÇÕES

É na guerra que nascem as primeiras interpretações. Cotejam e justificam elas o extermínio pelas armas: os canudenses são "bandidos"

---

e "fanáticos". Euclides da Cunha em sua obra *Os Sertões* dá a estes designativos o suporte ideológico servindo-se de teorias etnocêntricas providas da Europa. No banditismo e fanatismo, segundo ele, se revelam os efeitos deletérios da miscigenação das raças que resulta numa revivescência de formas antiqüíssimas e bárbaras da cultura humana que não têm direito de existência na civilização moderna. Canudos tinha que ser aniquilado, se não fosse pela força das armas, teria sido pela força lenta mas superior da civilização moderna. É esta a lei inclemente da história.

A interpretação, que Euclides da Cunha deu ao movimento, sobrevive até os dias que correm. Há, porém, interpretações científicas que tentam recuperar a imagem histórica do beato. Numa visão marxista Rui Facó vê nos "bandidos" de Canudos as vítimas do sistema capitalista e declara-os base de uma nova nacionalidade<sup>1</sup>. A partir de uma interpretação funcionalista, também Maria Isaura Pereira de Queiroz reconstituiu a honra dos sertanejos. Contesta, porém, a interpretação marxista que viu no movimento um passo rumo à luta de classe contra os grandes proprietários e defende, por sua vez, que o movimento foi uma tentativa bem sucedida de camponeses adaptar-se à civilização moderna<sup>2</sup>. Estas interpretações desfizeram o preconceito de "bandidos", mas ambas não valorizam o fator religioso que nelas figura como mero epifenômeno passageiro.

Nas obras de Duglas T. Monteiro e Pedro Ribeiro de Oliveira é destacado o papel da religião como fator social e político. A função do catolicismo popular é ambígua, ele pode ser alienador ou contestador, mas nos movimentos de Canudos, Juazeiro e Contestado, o catolicismo rústico se revela como fonte de protesto social<sup>3</sup>.

A presente interpretação baseia-se num estudo histórico-teológico do ideário religioso do Conselheiro presumindo que este seja a força modeladora do movimento. O verdadeiro significado da mensagem religiosa, porém, se revela somente quando é colocado no contexto histórico. Desta maneira a pesquisa trabalha com dois pólos: as idéias teológicas do beato e a situação histórica da sua atuação.

---

1 R. FACÓ: *Cangaceiros e fanáticos*. Rio de Janeiro, 1978, 5ª ed.

2 M. I. P. de QUEIROZ: *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo, 1977, 2ª ed.

3 D. T. MONTEIRO: "Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado". *História Geral da Civilização Brasileira III/2*. Rio de Janeiro - São Paulo, 1977, 39-92. P. A. RIBEIRO DE OLIVEIRA: *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis, 1985.

---

## II. O CONTEXTO HISTÓRICO-RELIGIOSO

Por sociólogos da religião, o catolicismo rústico é tido como berço dos movimentos religiosos de protesto social. Esta interpretação aproveita-se deste resultado considerando o catolicismo sertanejo condicionamento significativo da mensagem e atuação religiosas e políticas de Antônio Conselheiro. Facilmente verifica-se a ambigüidade do catolicismo popular tradicional, sua função tanto alienadora como contestadora. Traduzidas estas funções para termos teológicos pode-se falar da desapropriação de Deus que geraria alienação e da recuperação de Deus que incentivaria protesto e reivindicação.

A história do conceito de Deus no Brasil seria predominantemente uma história de desapropriação de Deus: Deus já veio para o Brasil como um Deus distante, escondido atrás dos santos familiares. Sob a influência das oligarquias dominantes assumiu traços de um senhor-de-engenho, senhor absoluto sobre vida e morte, exigindo obediência e submissão; torna-se um Deus-Patrão inspirado na figura do coronel. Há o Deus-Criador entendido segundo a imagem da natureza implacável que, quase ocioso, deixou o mundo aos santos ou demônios e que faz com que os homens se vejam forçados a virar-se neste mundo, até, se for necessário, com práticas mágicas em meio das potências que ameaçam sua vida terrestre e celeste. Há o Deus, que em tempos de crise identificados com o fim do mundo, surge como juiz, obrigando os sertanejos a penitências sem fim. Há ainda o Deus dos missionários que veio reforçar os efeitos traumáticos de medo e desconfiança perante a figura do Deus implacável da natureza e do Deus opressor segundo a imagem dos senhores e patrões.

As imagens de um Deus distante, alterado ou roubado, criam atitudes humanas de fatalismo, passividade e resignação. A distância de Deus conjugada com a implacabilidade das forças naturais, que se manifestam em secas, flagelos e fomes, levam a atitudes penitenciais ou protesto mudo. A opressão humana projetada na imagem de Deus-Patrão gera atitudes de submissão:

“É verdade que o pobre assimila e interioriza freqüentemente a dominação e a sacraliza, criando uma religião de inversão psicológica<sup>4</sup>.”

Mas, se estas formas mostraram a força de repressão inerente ao catolicismo popular, há nele também momentos em que ele demonstra que “é mais do que a interiorização da opressão”<sup>5</sup> e consegue, outros-

---

4 E. HOORNAERT: *Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800*. Petrópolis, 1974, 117.

5 ID.: *ib.*, 103.

sim, ativar forças de resistência e reivindicação. Pode-se observar um processo, frágil talvez em sua aparência, de reapropriação dos bens religiosos, que se dá, por exemplo, na festa dos santos<sup>6</sup>. O pobre só teve meios rituais, de religião, para assegurar a sua sobrevivência. A festa é símbolo de um mundo mais justo. Ao patrão-festeiro é lembrado que é responsável por todos; cabe a ele distribuir a sua produção de acordo com as necessidades dos seus dependentes. Há muitas lendas que insistem no direito que o pobre tem, que falam dos castigos dos santos aos maus festeiros. A responsabilidade dos fortes pelos fracos, o bem comum, no catolicismo rústico é coisa sagrada. Na festa, estes valores reivindicatórios ganham seu ponto alto: sob proteção e patrocínio celeste do santo celebra-se uma utopia: o convívio alegre dos irmãos.

Mas não só o santo exerce função reivindicatória, Deus-Pai e Jesus Cristo a assumem de maneira mais pronunciada ainda. Numa estória recolhida por Xidieh, Jesus castiga uma mulher rica que não o acolhe e recompensa uma pobre que lhe deu de comer. A mulher, espantada, lhe pergunta: "Você não será o Senhor Jesus?" e ele respondeu: "Eu sou o filho daquele pai que deu boca para todos, mas que não deu o que comer só para alguns<sup>7</sup>." Surge aqui Deus como Pai de todos e protetor dos pobres. Por meio de seu filho ele zela pelo bem-estar dos pobres, alerta os ricos a respeito dos seus deveres e impede que alguém fique marginalizado. O próprio filho camuflado de aparência humana, nas estórias, assume o papel do marginalizado: ocioso, andarilho, mendicante, vadio e despossuído. Nas tradições, ao lado dos santos, há então, o Deus que zela pelos pobres; aparece como Deus-Pai-Padrinho, advogado da causa dos pobres. Esta imagem é diferente daquela do Deus-Patrão nos moldes dos senhores de engenho e da fazenda. A imagem de Deus-Pai-Padrinho provém dos próprios pobres e demonstra que eles ainda não foram expropriados de maneira total de seu Deus.

Um outro filão reivindicatório encontramos na gesta dos beatos e ermitões que se reapropriam ou de maneira profética do Deus distante ou de maneira prática do Bom Jesus resignado e passivo. Na sua fuga do mundo há sempre um gesto profético de recusa do estado de coisas e de procura de um mundo melhor alternativo, meta esta que os leva a melhorar a situação dos sertanejos por obras de utilidade pública.

Nas estórias populares, nos ritos de festa ou nas atividades de agentes leigos como os são bestos e ermitões constata-se um processo

---

6 A. ZALUAR: *Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro, 1983.

7 O. E. XIDIEH: *Narrativas piás populares*. São Paulo, 1967, 45.

---

de reapropriação de Deus e dos bens religiosos. Se a opressão do pobre é ligada a uma falsificação da imagem de Deus, então nota-se nestas estórias, ritos e personagens religiosos, a reapropriação de Deus que puxa a reapropriação de bens terrestres. Quando Deus se aproxima do povo pela palavra de um profeta ou pelo rito reivindicatório de uma festa de santo, abre-se o espaço de vida e liberdade. Quando Deus é visto próximo, como Pai e protetor dos pobres, e em Jesus, seu Filho, como Bom Jesus e Jesus-Mendigo, advogado e justiceiro dos pobres, ele dá ao povo uma nova identidade, capaz de nutrir um movimento religioso de protesto social. Igualmente no culto aos santos pode ser constatado que a conquista da entrada ao céu abre um espaço de vida nesta terra. A pregação e a atuação de Antônio Conselheiro se inscrevem neste processo de reapropriação do divino e do humano, do céu e da terra. Antes de explicitar esta interpretação, porém, faz-se necessária a exposição de certos dados históricos da vida de Antônio Vicente Mendes Maciel.

### III. A FIGURA HISTÓRICA DE ANTÔNIO VICENTE MENDES MACIEL

Segundo o batistério da Matriz de Quixeramobim, Antônio Maciel nasce aos 13 de maio de 1830. Não é seguro que Antônio fora pelo pai destinado ao sacerdócio, mas o pai o coloca na escola do professor Manuel Antônio Ferreira Nobre, onde estuda português, francês e latim. Já tendo sofrido a morte da mãe aos quatro anos de idade, vê-se encarregado das suas irmãs menores, por causa da morte do pai, aos 25 anos. Depois de tê-las casado, também ele, no dia 7 de janeiro de 1857, casa-se com Brasilina Laurentina de Lima. Logo depois, no mesmo ano ainda, liquida o estabelecimento comercial herdado do pai e, não se fixando num lugar, emprega-se em diversas profissões; chega a ser advogado dos pobres e advogado provisionado. Nesta profissão, ele é surpreendido pela fuga de sua mulher com um furriel da força pública. Desfeito o lar, sua vida se torna inconstante. Escreve Ataliba Nogueira:

“Daí por diante, muda inteiramente a vida de Antônio Mendes Maciel. Desde que liquidara a casa comercial, foi ascendendo a profissões mais elevadas, escrivão, solicitador, advogado. Desfeito, porém, o lar de modo tão oprobrioso, sua vida desdobra-se em duas fases. A primeira é a de instabilidade nos serviços a que se dedica e na contínua mudança de residência e de profissão, em numerosos municípios do centro e do sul da província. É até vendedor ambulante<sup>8</sup>.”

Depois da fuga da mulher, a vida tornou-se um “doloroso transe”, porém, ao que tudo indica, este foi o seio que gerou a vida nova.

---

8 A. NOGUEIRA: *Antônio Conselheiro e Canudos*: revisão histórica. São Paulo, 1978, 2ª ed., 5.

---

Em 1874, ele é visto em Sergipe e no norte da Bahia. Escreve Cícero Martins Dantas, o Barão de Jeremoabo:

“Estava no Rio de Janeiro no ano de 74, quando aportou neste termo Antônio Conselheiro. Ao regressar tive conhecimento de esse indivíduo, cujos precedentes eram ignorados, com orações, terços e prédicas sugestionava o povo que acudiu pressuroso a ouvi-lo, abandonando suas casas e afazeres. Ora em um ponto, ora em outro, enfim em muitos, tinham lugar essas reuniões, e cada vez mais crescia o número dos ouvintes... Em pleno dia, nas casas, nas ruas e nas estradas, faziam-se montes de xales, vestidos, saias, chapéus do Chile e de feltro, sapatos de trança, e finalmente todos os objetos que continham lã e seda eram entregues à voracidade das chamas, por ser o luxo contrário à doutrina pregada pelo inculcado missionário. Não havia quem com força bastante pudesse demover o povo desta faina devastadora, a que gostosamente se entregava na convicção de praticar um ato meritório. Os prejuízos foram incalculáveis, presentes e futuros, que Antônio Conselheiro traria para esta localidade... Desde 74 a 76 continuou ininterruptamente esse estado de coisas sempre em escala ascendente...”<sup>9</sup>.

Antônio se sente encarregado de uma missão. Num ofício policial consta que ele se disse

“enviado de Cristo, e começou a pregar, levando a superstição de tal gente ao ponto de um fanatismo perigoso”<sup>10</sup>.

Anos mais tarde, em 1887, pergunta-lhe João Brígido, o companheiro de infância, pelos planos de vida.

“— E agora, Maciel, ... para onde vai? — Cumprir meu voto, a S. Francisco, que fiz na Bahia. — Mas aqui?! — Não, nos sertões de Canindé. Depois seguirei para onde me chamam os mal-aventurados”<sup>11</sup>.

Antônio parece um homem decidido e convicto que, desse modo, incomoda as autoridades. Estas, aproveitando-se de boatos de crimes, prendem-no pelos meados de 1876 e remetem-no para a capital e de lá para a sua terra natal, o Ceará. Acusam-no de assassinato de mãe e mulher. Resulta da averiguação judicial que as acusações foram fantasiosas. Mas antes da deportação, Antônio prefixava a data da volta. Cumpriu a promessa, regressando no dia previamente marcado.

---

9 Barão de JEREMOABO: “Antônio Conselheiro”. *Jornal de Notícias*, Salvador, 4/5 de março de 1897.

10 Cit. em M. BENÍCIO: *O rei dos jagunços*: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. Rio de Janeiro, 1902, 44.

11 Cit. em ID.: *ib.*, 55.

---

Depois do retorno, tido como milagre e vitória pelos sertanejos, a influência e a ocorrência do povo às suas prédicas tresdobraram. O Barão de Jeremoabo lembra desta época:

“Reencontrou a população no labor costumeiro quando, algum tempo depois, reaparece inesperadamente esse indivíduo. Então ateou com maior intensidade o fogo do fanatismo e Antônio Conselheiro já não era mais um penitente, era um enviado de Deus ou o próprio Deus. A sua órbita de ação amplia-se: além das prédicas principiou a levantar pequenos cemitérios e capelinhas. O povo em massa abandonava suas casas e afazeres para acompanhá-lo<sup>12</sup>”.

A vida de Antônio é uma “perenal missão”. Ele percorre os sertões em todas direções adotando, em muito, o esquema dos missionários profissionais. Pregava durante nove dias e neste prazo, como os missionários, realizava obras em serviço da população, “obras que o governo nunca conseguiria fazer<sup>13</sup>. Obras que chamaram tanta atenção que se tornaram assunto na Câmara dos Deputados. Dados biográficos fazem crer que as construções não eram mera imitação das atividades missionárias, mas que faziam parte integral da missão do missionário leigo. Interpelado por ocasião de um interrogatório policial a respeito de sua ocupação ele respondia que “apenas se ocupava em apanhar pedras pelas estradas para edificar igrejas”. Certamente, uma resposta lacônica à curiosidade policial, mas ela deixa entrever uma preocupação pessoal. Lembram-se as suas palavras perante a Justiça cearense:

“... o seu fim único era aconselhar o povo, tendo já erguido algumas igrejas e construído alguns cemitérios<sup>14</sup>.”

Construindo igrejas, Antônio dá continuidade às suas práticas. A inscrição na igreja de Crisópolis, por ele construída, “Só Deus é grande”, resume o significado de sua pregação e construção.

Outro aspecto da missão do Conselheiro é a sua dedicação aos pobres. Há um relato de um empreiteiro italiano que informa bem sobre o jeito do Conselheiro. O caso se dá nos anos de 1885-86. A pedido de Antônio o empreiteiro dá uma certa quantia de dinheiro, mas Antônio perguntando-lhe pela profissão acha pouca a esmola:

“Ah! respondeu-me então Antônio Maciel, V.S. ganha muito dinheiro. Veja como este povo na sua quase totalidade escravo vive pobre e miserável! Veja

---

12 Barão de JEREMOABO: art. cit.

13 *Jornal de Notícias*, Salvador, 16 de junho de 1853.

14 Nina RODRIGUES: *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro, 1939, 57.



---

como ele vem de quatro e mais léguas de distância para ouvir a palavra de Deus! Sem alimentar-se, sem saber com que se alimentará amanhã, ele nunca deixa de acudir pressuroso às práticas religiosas...”.

O empreiteiro se compromete a dar comida para todos durante uns dias. O Conselheiro o abraça e em agradecimento diz:

“Deus, e somente Deus pagará a V. S. os seus nobres sentimentos<sup>15</sup>.”

Além de mostrar a atitude do Conselheiro para com os pobres o relato fala a respeito da sua postura perante os escravos. São pertinentes as explorações de José Calazans:

“Ora, evidentemente, no panorama social do Brasil, quando Antônio Vicente iniciou suas andanças pelos sertões por volta de 1874, o escravo surgia destacadamente. Era o sofredor, o mal-aventurado. Um ser humano que precisava de assistência. Levou-lhe o Conselheiro, nos seus conselhos, a palavra de Deus. Transmitiu aos escravos os ensinamentos dos Evangelhos. A informação transcrita [a do empreiteiro italiano] documenta, com segurança, as relações do Conselheiro com os escravos da zona citada, que atentamente escutavam a pregação do ‘santo’ de Quixeramobim. Convém esclarecer, desde logo, que na região de Itapicuru... havia, na época estudada, apreciável número de pequenos engenhos, o que explica a presença de grande quantidade de escravos<sup>16</sup>.”

Com a abolição da escravatura, em 1888 aumenta o número do séquito de Antônio. Lembra e queixa-se deste fato o Barão de Jeremoabo, no artigo acima citado:

“O povo em massa abandonava suas casas e afazeres para acompanhá-lo. Com a abolição do elemento servil ainda mais se fizeram sentir os efeitos da propaganda pela falta de braços livres para o trabalho<sup>17</sup>.”

Depois da fundação da comunidade em Canudos a acolhida de ex-escravos negros é sentida como uma ameaça ainda maior. Escreve ao Barão um dos seus amigos:

“Lá os vultos que estão disinvolvendo (sic) a revolta é o mesmo Conselheiro com seus sequazes d’entre estes soldados e desertores, de diversos Estados e o povo 13 de maio [os escravos] que é a maior parte<sup>18</sup>.”

É uma evolução orgânica de seu compromisso com a população sertaneja marginalizada quando vemos o beato aceitar ser padrinho de batismo. Num prazo pesquisado de 1880-1892, somente na Paróquia

---

15 *Diário de Notícias*, Salvador, 1 de setembro de 1897.

16 J. CALAZANS: *Antônio Conselheiro e a escravidão*. Salvador, s.d., 2-3.

17 Barão de JEREMOABO: art. cit.,.

18 Cit. em J. CALAZANS: *ob. cit.*, 4.

---

de Itapicuru, ele batiza como padrinho 92 crianças. E em 40 destes batizados Nossa Senhora aparece como madrinha. Lê-se no livro:

“Em 7.02.1875 [sic! — deve ser 1885], Antônio Mendes Maciel, Antônio Conselheiro, batiza a José, de quatro meses de idade, filho legítimo de Candido José de Oliveira e Ana Francisca de Jesus, sendo madrinha Benvenuta Clarinda de Jesus e batizante Pe. Agripino da Silva Borges<sup>19</sup>.”

O auge, porém, desta, compromisso com a população pobre é a retirada do Conselheiro e do seu povo para o alto sertão e a fundação do Belo Monte. Aí ele se compromete plenamente com o bem-estar espiritual e material dos seus afilhados e compadres. Este êxodo se fez necessário por razão da incompreensão e intransigência da Igreja e dos ataques que lhe movem chefes políticos e senhores de terra. Economicamente Canudos, logo, se torna uma vila florescente.

“As margens frescas do rio, informa Manuel Benício, eram cultivadas com plantações de diversos legumes, milho, feijão grogotuba, favas, batatas, melancias, girimuns e melões, canas, etc. Nos terrenos arenosos viam-se milhares de matombos, grelando o talo tenro das mandiocas e outros com estacas de diversos tamanhos. Pela vizinhança, os pequenos cultores da terra, em Canudos, possuíam sítios, pomares, fazendolas de criação de bode, animais vacuns e cavalares, praticando em sofrível escala o cruzamento de asno com a égua ou jumenta com cavalo”<sup>20</sup>.

Afirma Ataliba Nogueira:

“O grosso da população de Belo Monte trabalha na indústria de pele de cabra. É ocupação para muita gente pelos dias a fora. Para isto, uns empregam o tempo no campo ou nos currais. Outros no abate dos animais e no cuidado de extrair o couro sem danificá-lo, perfeito. O surrador de pelames prepara-os para a secagem ao sol. Das redondezas vem o sal para suprir os numerosos curtumes à beira do Vaza-Barris<sup>21</sup>.”

O depoimento de um antigo habitante do arraial e sobrevivente da guerra, Manoel Ciríaco, não é muito exagerado:

“No tempo do Conselheiro, não gosto nem de falar para não passar por mentiroso, havia de tudo, por estes arredores. Dava de tudo e até cana de açúcar de se descascar com a unha, nascia bonita por estes lados. Legumes em abundância e chuvas à vontade. ... Esse tempo, parece mentira...”<sup>22</sup>.

---

19 Transcrito em C.P. de SENA: *Introdução ao estudo de uma comunidade do Agreste Baiano. Itapicuru, 1830-1892*. Salvador, 1979, 161, nota 13.

20 M. BENÍCIO: *ob. cit.*, 171.

21 A. NOGUEIRA: *ob. cit.*, 205.

22 O. TAVARES: *Bahia. Imagens da terra e do povo*. Rio de Janeiro, 1951, 272.

---

Como garantiu a vida material, assim Antônio zelava por uma vida social regrada, realidade inédita no sertão da época. Canudos se torna uma grande família: na sua quase totalidade a população de Canudos se compõe de famílias; ele promove casamentos e batizados, afasta prostitutas e para reforçar ainda mais os laços familiares promove o compadrio e as relações de padrinho e afilhado.. Os novatos Antônio

“acolhia bondosamente e lhes aceitava donativos e presentes, dando às vezes por escambo sortes de terra, que deveriam ser cultivadas em benefício comum<sup>23</sup>.”

Não havia cessão de bens, mas, sim, contribuição constante ao bem da comunidade. O “comunismo” consistia

“ em que os mais abastados cedem de seus recursos em favor dos menos protegidos da fortuna<sup>24</sup>.”

A estruturação social da comunidade faz ver, ao mesmo tempo, sua compenetração religiosa. Acima, na pirâmide social, , estava o Conselheiro que exercia seu mando como pai e padrinho e fazia dos outros irmãos. Ele teve, como dizem, 12 ajudantes, os “apóstolos”, que constituíram seu conselho. A eles foram confiados os setores mais importantes da vida da comunidade. Dele diz Nina Rodrigues que uns dirigiam

“os negócios da guerra, outros da administração interior e civil, outros, enfim, que o rodeavam de muito perto, lhe serviam de acólitos nas cerimônias do culto<sup>25</sup>.”

Além dos “apóstolos” havia uma guarda especial, a “guarda católica”, a fim de protegê-lo contra qualquer possível desacato. Esta “guarda católica” é, provavelmente, idêntica com a “Companhia do Bom Jesus”, que se constituía pelos seguidores mais íntimos e zelosos. Tinham entregue todos os bens ao Conselheiro e recebiam dele roupa e comida, estavam encarregados dos serviços religiosos, esmolavam nas redondezas e, na guerra, assumiam tarefas especiais. Que a vida foi marcada pela religião demonstra o lugar da importância que as rezas, as novenas, as festas, os conselhos ocupavam. Especialmente significativo é um mutirão religioso que empregava durante toda a existência de Belo Monte o maior número de braços começando com os homens passando

---

23 A. MILTON: “A campanha de Canudos”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo LXIII, 2ª parte, Rio de Janeiro, 1902, 9.

24 N. RODRIGUES: *ob. cit.*, 57.

25 ID.: *ib.*, 35.

---

pelas mulheres até às crianças: a construção das duas igrejas. A esta empresa o Conselheiro dava a maior importância.

Com o advento da República recrudescera o conflito entre o Estado e o povo do Conselheiro. Mas a crise cresce para a guerra somente depois da missão dos dois capuchinhos Frei João Evangelista de Monte Marciano e Frei Caetano de São Léo. Em maio de 1885, estes vêm com o firme propósito de dispersar o povo. Manoel Ciríaco se lembra da missão:

“Canudos tornou-se forte e de toda parte o povo vinha ouvir a palavra do Conselheiro. Foi quando em 1895, vieram para cá uns frades e falaram com o Bom Jesus. Este os recebeu com brandura. Pois não é que os homens pagaram a hospitalidade indo pregar ao povo contra o Conselheiro? Aí o povo danou-se e se não fosse o Conselheiro a coisa tinha pegado fogo. Os padres foram expulsos e quase não voltaram à terra deles, donde vieram mexer com quem estava quieto<sup>26</sup>.”

A missão fracassou e os frades tiveram que fugir. O seu relatório veio a servir muito aos inimigos do Conselheiro e de Canudos. A partir da missão os canudenses ficaram em estado de alerta, pressentiam a guerra.

A guerra veio por razões mínimas, já que estava sendo incubada há tempo. A avaliação de Edmundo Moniz deixa entrever a dimensão e o significado da guerra:

“A primeira expedição contra Canudos foi comandada por um tenente; a quarta por quatro generais, numerosos coronéis, majores, capitães e tenentes. A primeira expedição compunha-se de cem soldados; a segunda, de seiscentos; a terceira, de mil e duzentos; a quarta de cerca de dez mil, num exército de vinte mil. A primeira, a segunda e a terceira foram abatidas em combates de horas; a quarta durou quatro meses e, por várias vezes, esteve prestes a ser destruída. Salvou-se graças ao grande reforço que recebeu quando se achava em perigo, o que representou, pode-se dizer, uma quinta expedição. Entre a preparação das expedições e as batalhas travadas, a campanha de Canudos durou de 04 de novembro de 1896 a 06 de outubro de 1897. Não se tratava de uma simples insurreição de sertanejos e sim de uma guerra civil<sup>27</sup>.”

Após a destruição total do arraial — o casario foi arrasado à força de dinamite e o que sobrava de seres humanos passou-se pela faca —, foi necessário encontrar o corpo de Antônio Conselheiro para atestar que estivesse verdadeiramente morto e prevenir certas crenças de que ele

---

26 O. TAVARES: *ob. cit.*, 268.

27 E. MONIZ: *A guerra social de Canudos*. Rio de Janeiro, 1978, 157.

---

voltasse um dia. Morrera no dia 22 de setembro, duas semanas antes do fim. Encontram-no e, provada a identidade, enterram-no de novo. Mas antes lhe cortam a cabeça, para que a ciência confirmasse a loucura do líder religioso. Mas o crânio não lhes apresentou nenhuma anormalidade que demonstrasse traços de criminoso ou louco. Era um crânio normal, mas este fato não o salvou de ser exposto no Instituto de Medicina Legal.

A partir da biografia de Antônio Vicente Mendes Maciel ressaltase o fato que ele foi, não obstante o choque das interpretações proferidas por amigos e inimigos, uma personalidade marcada pela religião. Os títulos, que seguidores e adversários lhe atribuem, deixam claro este fato. Para uns ele é o Bom Jesus, Conselheiro, Beato, Peregrino, Penitente, para outros ele é um Maomé piolhento, novo messias, profeta de Satanás, falso apóstolo, arvorado pregador, inculcado penitente. O segredo da pessoa de Antônio, tanto amigos quanto inimigos procuram-no na dimensão religiosa que sua vida assumiu. A última e mais longa parte deste artigo — interpretativa — pretende explicitar esta dimensão, resgatando-a da ambivalência que é própria dos resultados da ciência histórico-crítica.

#### IV. A MENSAGEM E A MISSÃO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

A espiritualidade de Antônio Conselheiro é tida como berço e força motriz de sua atuação e de todo o movimento que gerou. Destaca-se esta dimensão religiosa em três passos metodológicos. O discurso teológico disponível no manuscrito é tido como testemunho básico da espiritualidade do beato. Sistematizando-o, num primeiro passo, são destacadas as propriedades de sua reflexão. Num segundo, o discurso é iluminado pelos condicionamentos particulares da vida do Conselheiro. Este confronto em conjugação com dados biográficos suplementares possibilita, por último, a descrição da espiritualidade de Antônio.

##### 1. A leitura sistemática do discurso teológico

No manuscrito de 587 páginas<sup>28</sup> os discursos do Conselheiro são organizados em quatro grupos:

- vinte e nove meditações sobre as dores de Nossa Senhora (222 páginas)
- dez sermões sobre os mandamentos (203 páginas)
- textos extraídos da Sagrada Escritura (59 páginas)
- prédicas de circunstância e discursos (103 páginas).

---

<sup>28</sup> A. NOGUEIRA: *ob. cit.*, 47-190. A citação do manuscrito segue, porém, a paginação que consta no caderno original, e é indicada, no interior do próprio texto, pela sigla AC acrescida do número da página.

---

Não é de esperar-se que o Conselheiro como pregador leigo desenvolva todo um sistema teológico coeso. Mas o seu pensamento não prescinde de lógica. Numa leitura sistemática destacam-se filões de um pensamento teológico pronunciado.

#### *a. Deus-Pai*

A história de Deus com o gênero humano chegou em Jesus Cristo ao seu auge: é estabelecida a terceira lei, a "lei da graça". O beato insiste em mostrar as obras de amor de Deus, que se realizam nesta lei. "Na antiga lei o homem podia duvidar se Deus o amava com ternura", pois Deus severamente vingou a morte de Abel e exigiu o sacrifício de Isaac; mas na "lei da graça" ele entregou seu próprio Filho ao suplício e à morte por amor dos homens ferindo "de amor os corações" e dando "o último golpe" ao homem ainda desconfiante. A imagem que o peregrino desenha de Deus é a de um Pai amoroso:

"Oh! maravilhosa condescendência de vossa ternura. Oh! rasgo incomparável de caridade!"

e cita as passagens da vigília pascal:

"Para resgatar o escravo entregastes o Filho. Oh! Deus infinito! Como pudesdes usar conosco de ternura tão amável. Quem poderá jamais compreender o excesso desse amor..." (AC 227-228).

Ao lado desta teologia de condescendência, há um outro filão teológico. Deus é amoroso, bondoso e misericordioso para com os homens, mas cruel para com o seu próprio Filho. Está na raiz desta tensão a doutrina soteriológica da reparação. Deus não pode deixar de ser justo e fazer justiça. Por ele ser infinito e sua majestade ser infinita, também a reparação deve ser infinita. O único capaz de satisfazer a justiça de Deus é o Filho de Deus. Daí segue o desígnio do Deus justo de entregar seu Filho à morte cruel. A salvação do homem exige os sofrimentos do Filho, como por extensão os de Nossa Senhora considerada co-redentora:

"Bem sabemos, ó Criador Supremo, o plano de vossa providência: Maria é nossa co-redentora; e isto basta para convencer-me que ela tem de ser a mais atribulada de todas as mães, porque Jesus, seu Filho, vai ser o mais humilhado de todos os homens" (AC 143-145).

Há uma certa justaposição do Deus de amor e do Deus de temor, do da graça gratuita e do da justiça implacável, do "Eterno Pai" e do "Onipotente Todo-Poderoso". Mas ressalta-se a tentativa do beato de proclamar, antes de tudo, "as grandezas do amor de Deus". A linha teológica condescendente que focaliza a bondade salvífica de Deus, ganha

---

terreno em detrimento da sacrificial e estaurocêntrica que, na imagem de Deus, sublinha o aspecto de ira e vingança.

### *b. Nosso Senhor Jesus Cristo*

Na imagem de Jesus Cristo encontra-se a mesma tensão. Seguindo o paradigma anselmiano da vida e morte do Filho de Deus, Cristo se sacrifica pelos homens recuperando as dívidas destes perante a divina justiça do Pai. No outro lado, seguindo a linha condescendente, Jesus é imagem do amor do Pai. Pelo seu amor aos homens quer cativar o amor destes para com o "Pai Eterno". Assim Jesus pobre, humilde e sofredor torna-se modelo de vida cristã. O seguimento de Jesus é dívida de amor e gratidão. O manuscrito deixa claro que o beato se esforça na imitação de Jesus.

### *c. A Igreja católica apostólica romana, o mundo e as hostes do Anticristo*

O pensamento do beato a respeito da Igreja revela um clima escatológico. Um dualismo apocalíptico marca a concepção. A Igreja constitui-se por santos e convertidos, por aqueles que colocam o amor a Deus e a busca da salvação eterna em primeiro lugar fugindo do mundo. O mundo pertence aos pecadores impenitentes. Estes, entregues à concupiscência, pecam por inveja, avareza e ganância colocando os bens do mundo acima do "negócio da salvação". Opõem-se, então, os convertidos e puros, que são destinados ao céu, aos pecadores que, impenitentes, são precitos ao inferno. O clima apocalíptico, porém, chega ao auge quando o profeta vê próximo o fim do mundo. Em maçons, publicanos e protestantes ele vê as hostes do Anticristo que vêm atacar "a verdadeira Igreja" cujo fundador é Jesus Cristo, a "verdadeira Religião do Bom Jesus". O tempo de Canudos, então, é identificado como tempo de sofrimento e martírio, como batalha em defesa da "Lei de Deus" contra as invectivas da "Lei do Cão". Quem perseverar até o fim triunfará com Cristo na parusia. É este o lugar teológico do beato falar de Deus como "Deus Altíssimo". "Deus da vingança", e de Jesus Cristo como "Juiz" e "Filho do Homem".

## **2. Os condicionamentos**

As particularidades do pensamento teológico do Conselheiro — sua insistência em publicar as "maravilhas do amor de Deus", o valor que dá à imitação de Jesus e a crença no iminente fim do mundo que dá à Igreja uma dimensão elitista e à vida uma desvalorização escatológica — tornam-se nítidas e revelam todo o seu alcance, quando são inseridas em

---

seu contexto histórico.

### a. A crise sócio-econômica

O contexto social em que se dá o projeto do Conselheiro é da mais acentuada violência e opressão. A sociedade brasileira, em geral, e a nordestina, em particular, incluída a região em estudo, O Nordeste baiano, organizou-se de uma forma pouco pacífica:

“Uma violência que se caracterizou desde a fase colonial pela expropriação do indígena que aqui habitava privando-o de suas terras e em muitos casos escravizando-o; pela privação da liberdade do negro e de sua coação ao trabalho, pela apropriação da quase totalidade da terra por uma minoria, impedindo que uma camada de homens livres ou não, cada vez mais acrescida, se tornasse também proprietária. Estabeleceu-se uma formação social alicerçada no domínio de uma classe sobre a outra. A violência nascia inerente à própria forma com que se estruturou o nível econômico<sup>29</sup>.”

O sistema latifundiário está na raiz da exploração e marginalização dos três grupos. O “coronel” — como o latifundiário vem a ser chamado — estava no ápice da pirâmide social, ao seu redor como dependentes encontravam-se os membros da família distribuídos nos diversos cargos em diferentes vilas, aos seus pés os agregados e pequenos proprietários, forçados a aceitar a sua preponderância. Na base da pirâmide encontrava-se a massa dos escravos e moradores, na sua maioria, homens pobres livres, que gozavam de piores condições de vida que o próprio escravo. Muitos não conseguiam viver “por favor” e perambulavam pelo sertão de propriedade em propriedade como jornaleiros.

A situação piora com a crise econômica. A produção nordestina não conseguiu concorrer no mercado mundial com a produção estrangeira que utilizava a melhor técnica e forçava a queda dos preços, deslocando os artigos brasileiros para um segundo lugar. A partir da segunda metade do século XIX começou-se a sentir a descapitalização da região e a falta do braço escravo. Os capitais desviados do tráfego negreiro foram investidos no saneamento das culturas de cana-de-açúcar; aumentaram-se as terras de plantio e centralizou-se ali a mão-de-obra disponível. Esta situação levou à inexistência de culturas de gêneros alimentícios causando escassez de alimentos e preços altos. Passando fome e miséria o povo se revolta.

Catástrofes climáticas completam o quadro de miséria. Secas acompanhadas por pestes, como varíola e tifo, revezam-se com anos de chuvas excessivas que, muito ao contrário de serem benéficas, estragam

---

29 H. de M. MONTEIRO: *Crise agrária e luta de classes: o Nordeste brasileiro entre 1850-1885*. Brasília, 1980, 157.



---

aquilo que restava. Em seu livro *Crise agrária e luta de classes: o Nordeste brasileiro entre 1850-1889*, Hamilton de Matos Monteiro resume o estado econômico miserável:

"A cada crise, a cada fatalidade, a economia recuperando-se não conseguiu atingir os níveis anteriores. Anos de trabalho acumulados desfizeram-se; a riqueza das províncias nordestinas desceu ao seu ponto mais baixo".

Finaliza Hamilton Monteiro com as palavras de Raimundo Girão:

"Exauriu-se a terra. O homem extenuou-se. Foi um nada-houve, como no jogo de dados<sup>30</sup>."

A crise econômica, acompanhada pelas secas e precedida pela má distribuição das terras, aportaria um terrível desequilíbrio social. O coronel para assegurar a produtividade de suas terras aumenta a exploração sobre os trabalhadores, reduz as roças dos empregados e exige mais dos arrendatários e foreiros. Aflora toda a violência inerente ao sistema. As relações de dominação recrudescem. Aparece uma enorme massa de moradores e jornaleiros fugidos dos latifúndios vivendo miseravelmente e inativos a maior parte do tempo. São chamados "ociosos" ou "vadios".

O sistema latifundiário recrudescido pela crise econômica e pelos cataclismos naturais deixou para o homem pobre três saídas: banditismo rural, emigração e misticismo, como as elenca Hamilton Monteiro. Elas seriam a

"tríade fatídica que se abateria sobre o Nordeste nos anos finais do Império e, por durante muito tempo, na República, demonstrando a profunda injustiça social que ali imperava e a ausência visível de perspectiva de melhoria<sup>31</sup>."

#### *b. O declínio do catolicismo sertanejo*

O catolicismo popular tradicional está em vias de ruir junto com as outras estruturas sociais atingidas pela crise sócio-econômica. O universo do sertanejo, em que valores sociais e religiosos se fundem, desagrega-se. Os migrantes são a mais terrível expressão desse mundo sertanejo corroído. Como seus corpos foram destruídos, assim suas almas também:

"Chorava, escreve horrorizado Padre Ibiapina, o povo com fome e descomposto, em nudez. As mães entregavam e abandonavam os filhos e filhas com um desamor e indiferença que assombraria ao outro tempo. Os filhos e filhas por sua parte faziam o mesmo, não se lembrando dos pais; somente cuidavam no comer e prover por este meio sua subsistência, onde se pode ver que

---

30 ID.: *ib.*, 48.

31 ID.: *ib.*, 89.

---

a lei da própria conservação nos seres e sem religião verdadeira se reduz a um instinto brutal. A morte dos pais e filhos não impressionava, e todos cuidavam de desembaraçar-se dos mortos para tratar de comer<sup>32</sup>.”

A época era um “tempo escuro” pela “tempestade de miséria” que avassalava a população. O cronista das Casas de Caridade espanta-se também da influência que a miséria tem sobre o estado religioso dos migrantes:

“Uma coisa notável foi que esse povo que emigrava não dava a entender que tivesse conhecimento da Religião cristã e nem vimos que lhe corressem lágrimas de miséria, ou não eram tão miseráveis como pareciam, ou estavam no estado de selvageria onde os sentimentos morais estão embotados pela imoralidade... parece que viviam como selvagens, sem presidência nem reflexão. É verdade que vieram também pessoas de alguma educação, mas poucas e pouco religiosas; visivelmente não conheciam a Deus, nem a ele recorriam, por não reconhecer-lhe a bondade e o poder<sup>33</sup>.”

Para uma grande parte da população sertaneja, a crise trouxe a perda da religião, mas perda, não apenas de costumes religiosos tradicionais, e sim da própria fé. A miséria fazia com que o povo andasse desiludido e desenganado de Deus, foram-lhe roubados, de uma vez, a vida na terra como no céu.

Outra parte da população é impelida a penitências exacerbadas para aplacar tamanha ira de Deus como ela se revela em tantas desgraças. A vida normal já é por si mesma uma “espaçada quaresma” com “o rigor do jejum forçado, sem pão nem água...”<sup>34</sup>. Mas a crise com seca, fome e doença é entendida como um apelo a multiplicar as penitências.

Concluindo pode-se dizer que na segunda metade do século XIX declina o catolicismo sertanejo. Frágil já desde as origens não suporta o sobressalto de diversas crises acumuladas. A crise econômico-social reforçada pelas secas subtraiu aos féis condições de continuar suas costumeiras rezas, orações, novenas e festas de santos. O mundo dissoluto e anárquico feriu gravemente os valores morais, levou à decomposição a vida religiosa e comunitária. Os santos perderam a sua força, no dizer dos mais piedosos. Para muitos, Deus também perdeu sua força. Não conseguem confiar mais nele, nem na sua “bondade”, nem no seu “po-

---

32 Cit. em C. MARIZ: *Ibiapina. Um apóstolo do Nordeste. João Pessoa, 1980, 2ª ed., 165-166.*

33 E. HOORNAERT (ed.): *Crônica das Casas de Caridade fundadas pelo Padre Ibiapina. São Paulo, 1981, 98.*

34 C. da COSTA E SILVA: *Roteiro da vida e morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia. São Paulo, s.d., 57.*

---

der', como se exprime o cronista. Desiludidos e desenganados perdem a sua fé. Outra parte continua acreditando no poder de Deus. Acreditam naquele poder que se manifesta como crueldade e violência, ira e castigo. Esse os incapacita de confiar na bondade de Deus e os leva a penitências sem fim.

### *c. O exemplo de Padre Ibiapina*

Numa época, em que as elites da nação preocupadas com o destino civilizatório do país desconheciam o povo do interior, Pe. Ibiapina vai ao encontro das populações miseráveis dos sertões. Escreve o cronista:

"Ele tinha entrado no amargo da nossa sociedade, tinha visto em todas as suas fases, em toda sua hediondez, a miséria em que se debatem as classes menos favorecidas da fortuna<sup>35</sup>."

Ibiapina encontrou uma sociedade em estado de dissolução cujos efeitos se verificaram para ele na ruína dos costumes.

"O vício partindo de bem alto e do mais alto, arrastou consigo muitas massas, muita miséria<sup>36</sup>."

A percepção da miséria e a denúncia do pecado conjugam-se.

"Mas quantos anos Deus já nos adverte fazendo pesar sobre nós todos os flagelos que faz desgraçado o homem e a humanidade: a miséria pública, a fome, a nudez, as angústias em que vivem os pobres, a perturbação geral, falta de sossego e paz de consciência, a perda da boa moral, força contra o fraco, desesperação, por não haver confiança, a perda da boa moral substituída pelo escândalo, pelo furto, pela falta absoluta do temor de Deus. Tudo isto pesa infelizmente sobre nós, e é um meio poderoso de que Deus se serve para nos chamar ao arrependimento, sendo a maior de todas as coisas o ultraje que se fez a Jesus Cristo Nosso Senhor e à sua Santa Lei<sup>37</sup>."

Este contato com a miséria do povo, porém, não o leva a bramar da ira de Deus, mas o impulsiona a acreditar profundamente na força benfazeja de Deus. A fé na bondade de Deus está profundamente enraizada na alma do Pe. Mestre. Para ele a divindade de Jesus confirma-se pelo seguinte raciocínio:

---

35 E. HOORNAERT (ed.): *ob. cit.*, 40.

36 ID.: *ib.*, 64.

37 J. COMBLIN (ed.): *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*. São Paulo, 1984, 78-79.

---

Porque Deus é bondade, misericórdia, poder e caridade, e Jesus tendo tudo isto, pode deixar de ser Deus? Se não fosse, era digno de sé-lo<sup>38</sup>.”

O Bom Deus e o Bom Jesus levam Pe. Ibiapina aos miseráveis. A sua obra missionária concretiza-se na reunião do povo em obras comunitárias. Em mutirão, são construídos escolas e hospitais, açudes e estradas. Funda ele as “casas de caridade” e a congregação leiga das beatas e dos irmãos que nelas vivem cuidando de órfãos e dedicando-se às obras da caridade cristã. A espiritualidade do Pe. Mestre, diz E. Hoornaert,

“é profundamente realista. O sofrimento assumido por Ibiapina não provém de um sentimento religioso doentio, mas é a consequência de uma percepção que as pessoas raramente alcançam: a percepção religiosa da miséria como compromisso com este povo por todos abandonado e esquecido. Esta percepção deu a Ibiapina o ar severo e grave que todos nele admiravam<sup>39</sup>.”

Este aspecto de sua espiritualidade, pela qual ele é chamado “São Vicente Brasileiro”, casa-se com um outro, pelo qual ele mesmo se intitula “jesuíta”. Ibiapina adota e assume a batalha da Igreja contra a maçonaria, insere-se na “Milícia cristã”

“qual valente e fiel soldado, defendendo a Santa Religião católica, que se achava tão ultrajada e perseguida<sup>40</sup>.”

Luta pela “Santa Lei”

“levando na mão a larga bandeira de Jesus, que é a Cruz para arvorá-la ao estampido das mais cruéis contradições para ser reconhecida na terra e co-rouda no Céu<sup>41</sup>.”

Como reza a tradição e como indicam muitos paralelos de atuação e pregação entre Ibiapina e Conselheiro, esteve Antônio na escola do Pe. Mestre e adotou, em muito, prática e pensamento do Pe. Missionário. Ambos ligam a percepção do pecado com o fato da diluição do mundo sertanejo tradicional. Como Ibiapina o Conselheiro luta contra os maçons tidos como hostes de Satanás que querem eliminar a Igreja católica. Contra esta ameaça proclama o beato, seguindo obviamente o exemplo do Pe. Mestre, a soberania de Deus e a força da cruz de Cristo que vencem todos os inimigos. Assimila a visão que Ibiapina tem de Deus: “Só Deus é grande! Só Deus pode obrar tantas maravilhas!<sup>42</sup>” e

---

38 ID.: *ib.*, 63.

39 E. HOORNAERT (ed.): *ob. cit.*, 14.

40 ID.: *ib.*, 80.

41 ID.: *ib.*, 42.

42 ID.: *ib.*, 60, 81.

segue o "Bom Jesus dos pobres e aflitos", que tanto marcou a vida do Pe. Mestre. Os dois tornam-se aos olhos dos seus seguidores imagens vivas do Bom Jesus nesta terra. As aclamações dão testemunho disso: "Viva o nosso Bom Jesus e o Apóstolo da Caridade!" e "Viva o Bom Jesus, viva Antônio Conselheiro!"

#### d. A "Missão abreviada" como manual

Conselheiro, atestam muitas testemunhas, levava consigo um exemplar da *Missão abreviada*, da autoria do Pe. Manoel José Gonçalves Couto. Na verdade, ele fez freqüente uso deste devocionário. Chega-se à conclusão que o livro é usado como um manual de que são tirados muitos pensamentos, conselhos e exemplos.

A meta e o objetivo do livro são a conversão e a emenda dos pecados para, enfim, chegar-se a uma boa confissão. Não quer, apenas, aprofundar os frutos das missões populares, mas, sim, substituí-las. Sua forma acessível e concreta de catequização facilitou o entendimento, também, da gente simples e permitiu que o livro se apresentasse como súmula doutrinal e catequética.

O ângulo sob o qual trata da vida cristã, porém, é particular, adaptado à sua função de ser um livro de missões:

"O elemento estruturante de todo o conteúdo doutrinal teológico, exortativo, ascético se encontra no tema do pecado. Tudo se delinea, se define, se compreende, se valoriza em sua função"<sup>43</sup>.

O homem é visto sob o ângulo de pecador. "Pecador", aliás, vale como sinônimo de "ser humano".

Vale explicitar-se o pensamento teológico-soteriológico que concorre para a eficácia desta estratégia pastoral. Adota a *Missão* uma cristologia apropriada:

"A pessoa, a vida e a missão profética de Jesus se polariza na paixão e crucificação, para satisfazer a justiça divina, reparando a ofensa infinita provocada pelos nossos pecados"<sup>44</sup>.

A vida de Cristo fica reduzida ao seu sofrimento e à sua morte:

"Considera, cristão, que Jesus Cristo não quis estar um só momento sem sofrer e padecer, por teu amor; apenas foi concebido, logo se lhe apresentaram

---

43 J. CABRAL: "Missão Abreviada". Da pobreza de uma teologia ... ao estigma funesto de uma moral. Roma, 1986, 24.

44 ID.: *ib.*, 47.

---

todos os tormentos da sua Paixão, e desde então começou a sofrer tudo o que mais tarde havia de padecer...<sup>45</sup>”

A paixão se torna único valor salvífico e modelo e, ademais, razão de comiseração que culpabiliza o pecador.

A figura de Deus-Pai correspondente à imagem do Filho sofredor é a de um temível juiz:

Não achando pois na terra quem o consolasse, levantou [o Filho] os olhos ao céu, e pediu socorro a seu Eterno Pai, porém o Pai lhe respondeu: ‘Não, meu Filho, não quero consolar-te, porque satisfazes a minha justiça por todos os pecados do mundo; é justo que eu te abandone nesses tormentos e te deixe morrer sem algum alívio...’<sup>46</sup>”

Resulta uma imagem caricaturada de Deus:

“Ressentido com a ofensa do pecado, dominado pela força inexorável duma justiça, só pode ser aplacado com a reparação compensatória do sofrimento ou com a descarga descompressiva e equilibradora do castigo<sup>47</sup>.”

É interessante que, no fundo, o sofrimento de Cristo é destituído de todo valor salvífico. Nesta visão ele, ao menos, deveria libertar o homem, pela sua morte vicária, da ira de Deus, mas não o consegue. A ira e o juízo continuam pesando sobre os homens; soam obsoletas afirmações como “Cristo deu uma infinita satisfação a seu Pai”, “ele obteve-nos a reconciliação”, conseguiu-nos a abertura das portas do céu”. O que ficou de Cristo sofredor é a sua função de modelo de renúncia do mundo, da resignação, da cruz, das afrontas e do sofrimento. É destituído de sua função salvífica, benfazeja e consoladora. A exemplaridade do Cristo sofredor é usada somente para motivar uma vida de reparação, suscitar a comiseração e avolumar os sentimentos de culpa, que levam a uma vida de resignação e aceitação de sofrimento como único caminho à salvação. O sofrimento de Jesus é sempre desenhado pelo autor em cores chocantes, mas trata-se, apenas, de

“impressionar os pecadores sacudindo-lhes a indiferença e demovendo-os da sua instalação<sup>48</sup>.”

Encontram-se nos manuscritos de Antônio uma série de testemunhos desta cristologia sacrificial seguida pelo imperativo dolorista da re-

---

45 J. G. COUTO: *Missão Abreviada* para despertar os descuidados.. Porto, 1878, 11<sup>a</sup> ed., 118.

46 ID.: *ib.*, 137.

47 J. CABRAL: *ob. cit.*, 51.

48 ID.: *ib.*, 64.

paração dos pecados correlacionados à imagem de um Deus irado e temível, que obviamente provém da *Missão abreviada*. Mas pode ser observada a tentativa de equilibrar esta corrente teológica sacrificial por uma condescendente. Surge ela vigorosa quando ele se aproveita da própria Bíblia. Os "Textos extraídos da Sagrada Escritura" exaltam os prodígios e as maravilhas do amor de Deus, a grandeza dos benefícios do amor de Jesus Cristo que superam vitoriosamente o peso do pecado. A razão da encarnação do Filho de Deus é o amor. Se ele veio para trazer o fogo (Lc 12, 14), então, segundo o beato, o fogo é o fogo do amor:

"Ele tinha vindo à terra para trazer às almas o fogo do divino amor, e que não tinha outro desejo senão de ver esta chama acender em todos os corações dos homens" (AC. 428-429).

Em muitos pontos o Conselheiro se distingue da *Missão*. A imitação de Cristo feita pelo Conselheiro não é uma peregrinação interior, mas sua identificação com Cristo pobre e humilhado o leva aos pobres e miseráveis dos sertões. A ascese e a contemplação da paixão de Cristo não são já por si mesmas caridade, mas o levam à caridade prática. Sustenta famílias pobres, dá o último que tem pelos necessitados. Com a sua vida de penitência não visa apenas a reparação dos pecados do indivíduo, mas denuncia o estado de ruína da sociedade sertaneja. O pecado não fere, apenas, a Deus e coloca em perigo a salvação da alma, mas na explicitação dos mandamentos de Deus o beato dirige o olhar dos seus seguidores aos estragos que os pecados causam à convivência e ao bem-estar do homens. O empenho pela salvação se exterioriza e cria a comunidade de Canudos. Continua em vigor para o beato a "Communio sanctorum" em que atuam os prodígios atuais de Deus, a intercessão dos santos e a salvação dos maus pelos bons.

As prescrições espirituais para salvar a alma são em sua maioria, colocadas em contexto escatológico. A visão espiritualista que o coração do homem é um palco de batalha entre Deus e Satanás, onde o demônio deve ser vencido, dia por dia, na oração, na renúncia e na penitência, exterioriza-se e ganha novo sentido quando para o beato fica claro que o Anti-cristo chegou. As diretrizes da *Missão*, tais como conversão dos pecados, jejuns, fuga do mundo, aceitação dos sofrimentos, são entendidas como atitudes correspondentes e necessárias ao tempo escatológico. Enquanto à *Missão* interessa que o indivíduo salve a sua alma, o beato empenha-se no antigo ideal cristão correspondente ao tempo escatológico que é o de criar uma Igreja santa, convertida e pura, pronta para acolher a vinda do Senhor. O peregrino não quer almas santas e convertidas, mas um povo santo e convertido.

Pantenteia-se a resistência do beato à interiorização e privatização

---

da vida religiosa que a *Missão abreviada* tematiza. Usa ele, verdadeiramente, o livro como um manual tirando dele elementos quando lhe são convenientes, mas sabe discordar em pontos essenciais. O fato de ele estar profundamente enraizado no catolicismo popular autêntico, o preservou de uma espiritualidade intimista e desencarnada. Sua teologia ostenta um autêntico evangelismo no qual ele segue o Bom Jesus, reavivando a imagem latente da fé popular de um Deus bondoso, protetor e justiceiro dos pobres que mandou seu Filho ao mundo, humilde e pobre, peregrinando na terra, fazendo o bem àqueles que o acolhem — que são nas histórias populares, antes de tudo, os pobres — congregando-os e levando-os ao céu. A teologia do Conselheiro mantém o caráter popular enquanto preserva a visão popular integrativa na qual não se separam céu e mundo, corpo e alma, espiritual e temporal, individual e comunitário.

#### *e. A apocalíptica popular*

Com outros profetas populares do sertão do seu tempo Antônio compartilha a visão apocalíptica do mundo. O “ordo” da sociedade sertaneja está ruindo, essa é sua constatação. A “lei temporal”, o governo, se perverteu pois não garante mais o bem dos pobres e se recusa a estar a serviço da “lei espiritual” que se encarna na Igreja católica; ela coloca em perigo a salvação de muitos dando escândalos e subtraindo-lhes a fé (cf. AC 611). Pecam contra a “Lei de Deus” aqueles que absolutizam o mundo. Segundo a visão católica tradicional pode o homem usar os bens deste mundo, mas jamais gozá-los. As idéias liberais do progresso junto com a invasão da economia capitalista convulsionaram o mundo sertanejo tradicional. Os homens correm atrás dos bens terrenos pelos quais são esbulhados os pequenos (cf. AC 375-376). A justiça particular revela os interesses desmedidos dos fortes e as violências sofridas pelos fracos (cf. AC 155; 263-265). A usura e os juros excessivos, a avariza e a cobiça denunciam a acumulação do dinheiro (cf. AC 377). O orgulho, a ostentação e os adultérios são sinais da valorização indevida dos bens deste mundo. Desse modo, criam-se para os pobres e simples grandes escândalos. O pobre é abandonado, sofre o golpe mortal sem ser socorrido (cf. AC 366). Ademais, é infeccionado pela cobiça, não se contenta mais com a sua sorte (cf. AC 416). Este escândalo que os ricos e os “maçons” dão, tem sua raiz na atitude de eles valorizarem pecaminosamente esta vida negando, desse modo, o céu. A “Lei de Deus” foi abatida e os pecados inundam o mundo.

A abolição da “Lei de Deus” com todas as injustiças e conseqüentes sofrimentos é ligada, na época, pelos sertanejos à gesta das elites



liberais e maçônicas. Secularizadas, elas querem a modernização do país travando uma renhida batalha contra a Igreja e a "Religião católica" tidas como forças nocivas e retrógradas para o progresso moderno. Aliam-se ao protestantismo que promove a modernização e denunciam o catolicismo como credo obscurantista que exerce influência desastrosa sobre o povo, de cujas qualidades e capacidade desconfiam. Temem uma "Nigrolândia", e promovem a imigração de raças superiores, germânicas ou anglo-saxônicas, que seriam mais aptas para criar uma civilização moderna.

A hierarquia vê nisso um esforço satânico de abolir a Igreja no Brasil e de construir uma sociedade sem Deus, e o povo a segue nesta visão compartilhando os ressentimentos da Igreja oficial. Antônio, também, está convencido de que o fim do mundo está iminente e vê nas elites progressistas as hostes de Satanás. Os maçons, republicanos e protestantes como sucessores dos judeus são os filhos do demônio. Mas há outros sinais mais específicos do fim. O clima apocalíptico intensifica-se ao redor de Canudos. Por ocasião de eleições, no início da República, os vencedores, partidários do Barão de Jeremoabo, começam a fazer represálias ao povo do Conselheiro. Esta perseguição é tida como sinal escatológico decisivo. Relata J. Aras a respeito da atitude do Conselheiro:

"Os penitentes sentindo-se agravados pelos mandatários reagiram apenas através do Conselheiro que 'esquentou' mais os seus sermões".

O ataque sofrido em Masseté não deixa mais nenhuma dúvida sobre o estado das coisas.

"A noite daquele dia chegaram ao arraial de Cumbe e logo exigiram do velho padre Sabino o altar da Capela a fim de que o Conselheiro falasse para o povo dali as ocorrências. Começou, dizendo: 'Meus irmãos, o Anti-cristo é chegado, está aqui neste livro (e mostrava um grosso volume — 'A Missão Abreviada') O ataque de Masseté constituiu uma prova para nós. O meu povo é valente. O satanás trouxe a república porém em nosso socorro vem o Infante rei D. Sebastião. Virá depois o Bom Jesus separar o joio do trigo, as cabras das ovelhas. E, ai daquele que não se arrepender antes, porque tarde não adiantará. Jejuai que estamos nos fins dos tempos. Belo Monte será o campo de Jesus, a face de Jeová<sup>49</sup>."

É Canudos que está na mira do Anticristo. É ali que se vive a "Lei de Deus" a ser combatida pelos hereges republicanos.

Entre os testemunhos populares deste clima há uma profecia influenciada pelo *Apocalipse de São Pedro*, escrito apócrifo que data do

---

49 J. ARAS: *Sangue dos irmãos*. Canudos — por dentro. S. I., s. d., 25.

século II e marcou durante muito tempo o ideário apocalíptico popular, e até, como parece, a *Missa abreviada*. Jesus está descansando, antes de sua paixão, no Monte das Oliveiras, e, perguntado pelos seus discípulos, prediz os sinais do fim do mundo. Refere-se ao Conselheiro como profeta escatológico mandado pelo seu Pai que prega nas casas, constrói igrejas e encontra muita oposição no meio dos homens. Outros sinais são a construção da via férrea, a libertação dos escravos, a ruína do Império e o advento da República com o seu censo geral da população. O receio popular é que o governo judeu, seguidor de Anticristo, perseguirá o povo cristão pobre: "Há de aparecer umas Sinagogas gerais obrigando muitos de nós para se assinarem nesses papéis".

O povo se espelha nas profecias jesuânicas a respeito da sorte dos seus discípulos por ocasião do fim do mundo: "Muitos de nós serão presos e remetidos às casas de subdelegacias, de Presidente ou rei", e "muitos, muitos deverão ser mortos por causa de meu nome". São estes os "últimos sinais desta idade", aos quais é acrescido ainda o sinal das guerras do Anticristo. Mas o esforço do Anticristo clama por D. Sebastião que assume o papel do Arcanjo São Miguel:

"Nesse dia quando sair [D. Sebastião] com seu exército terá a todo no fio da espada, deste papel da república — o fim desta guerra se acabará na Casa Santa de Roma e o sangue há de ir até a junta Grossa?"

E depois convulsionar-se-ão as forças cósmicas e chegará o Filho do Homem em uma nuvem para o Juízo Universal<sup>50</sup>.

Nas profecias populares constata-se uma crescente aglutinação dos sinais apocalípticos ao redor do Conselheiro e da sua comunidade. Os eventos que por ali ocorrem sinalizam o fim do mundo: Canudos será o campo da batalha com o Anticristo. Mas em sua visão apocalíptica sobra ao Conselheiro ainda margem para expectativas históricas como se revela em sua prédica "Sobre a República". Acredita ele que em breve a República cairá por terra, que a monarquia de Dom Pedro III será reinstalada, que haverá um tempo de paz antes da volta do Filho do Homem para todos os que impugnaram a República (cf. AC 568-618). Nos sermões relatados por testemunhas oculares constata o mesmo otimismo. Com ajuda de Dom Sebastião cairá o reino de Satanás antes da chegada do Bom Jesus. Os republicanos não botarão os seus pés no Belo Monte que é "campo de Jesus, face de Jeová"<sup>51</sup>.

Atrás desta visão apocalíptica de Antônio esconde-se um gesto profético. Perante as atitudes inovadoras dos grupos hegemônicos da

50 Cit. em E. da CUNHA: *Caderneta de campo*. São Paulo, 1975, 73-74.

51 J. ARAS: *ob. cit.*, 25.

---

sociedade sertaneja empenhados na introdução de uma nova forma econômica que marginalizou uma grande parte da população, e das elites liberais que promoviam o progresso e a civilização do Brasil e propagavam uma nova visão do mundo entrando em confronto com a Igreja católica considerada retrógrada e desprezando as classes baixas de população tidas como incapazes de criar e viver num Brasil moderno, o Conselheiro capta a hostilidade destrutiva das elites e constata o fim do mundo. Proclama que Deus surge para manter a sua Lei e proteger os seus contra as hostes do Anticristo. Deste modo, identifica os males e os malfeitores. Confiando no poder de Deus recupera para o povo esperança e otimismo que se manifestam até em projetos históricos como o da reconstituição da Monarquia ou da marcha revolucionária contra o Rio. A idéia religiosa da "Lei de Deus" que no catolicismo popular, muitas vezes, é instrumento de opressão, fazendo os pobres se calarem, acomodarem e resignarem, surge agora como fonte de protesto. O povo recupera a força histórica, se bem que nos limites apocalípticos, visto que o juízo final não tarda e penitência e conversão se fazem urgentes. Os apelos do beato de "Jejuai que estamos nos fins dos tempos" e "Jejuai e preveni-vos<sup>52</sup>", dominam os projetos históricos. A vida de paz depois da reconstituição da Monarquia seria, de qualquer maneira, breve.

#### *f. O confronto com a Igreja em reforma*

Para a Igreja, a angustiada luta pela sobrevivência travada contra as outras elites da nação resulta na recorrência cada vez mais freqüente à Sé de Roma e na concomitante orientação tridentina exarcebada mente sacral e sobrenatural, excludente e intransigente em relação a outras posições. Esta mentalidade extremada condiciona, também, a rigidez com que é encarada a reforma das tradições do catolicismo popular tradicional. A reforma afasta a Igreja do povo simples do interior no qual ela via as suas bases, e, deste modo, perde a oportunidade de assumir, na prática, a causa do povo. Passa a considerar o catolicismo do povo expressão de "fanatismo" e "superstição" a ser abolida. O racionalismo sobrenaturalista, que separa a fé da vida, não vê nas formas da fé do povo expressões vitais. Ao contrário em seu maniqueísmo tenta destrinçar o profano do religioso, separar o social do espiritual. Não entende a fusão dos dois planos na vida do povo, ademais tem como meta o contrário, a separação.

Na Bahia batem de encontro o catolicismo tradicional leigo, expressão da vida do povo, de traços proféticos, e a Igreja em reforma, querendo exterminar este mesmo catolicismo para substituí-lo por um

---

mais puro, de anseios sobrenaturais. Antônio Conselheiro se confronta com uma Igreja que quer a reforma, ao mesmo tempo que lhe faltam os meios de executá-la do modo como quer.

O que, pelas cartas dos vigários à Cúria, gerou o confronto entre Igreja e Conselheiro, era o fato de que o Conselheiro reclamava para si o direito da prédica. Ele se vê enviado por Cristo a pregar aos povos e não larga este dever por preço algum: nem por poder construir igrejas, esmolar ou rezar terços. A prédica faz parte integral da sua missão. Com isso ele se opõe radicalmente à posição reformadora da Igreja. Uma das tarefas mais importantes, que os sacerdotes deveriam assumir e cumprir com mais fervor e diligência seria o anúncio da Palavra. Para os prelados se trata de um ponto no qual não se deve transigir. Para a Cúria a pregação pertence ao múnus sacerdotal, e nenhum leigo deve arrogar-se este direito: rezar terço, esmolar e construir cemitérios e capelas pela lei da Igreja é possível, mas pregar não.

O que mais irrita os vigários é a autoridade que o Conselheiro logo conquista. A sua doutrina enquanto prega o fim do mundo, uma penitência rígida, o jejum e a abstinência, a rejeição de qualquer luxo — ele manda queimar roupas e xales etc. — irrita, pois ele cria divisões em meio da paróquia. Uma boa parte da população procura ouvi-lo e segui-lo dando-lhe preferência aos próprios vigários.

A certa altura a briga pela legítima autoridade é passada para o nível da doutrina. Já que é pressuposto da reforma ultramontana, que leigo algum por mais virtuoso que seja pode proferir verdades divinas, não é difícil para o clero romanizado descobrir heresias na pregação do beato. Antônio é denunciado de fazer-se passar por Deus e de ser adorado como tal, de ser chamado de N. S. do Bonfim, Santo Antônio, Espírito Santo, sem que ele impeça tais desvios doutrinários. Ao que tudo indica, estas denúncias foram vazias. O beato não se arrogou títulos divinos. Sobre a origem do título "Espírito Santo" ocasionalmente aplicado ao Conselheiro, leia-se um trecho de uma carta de Pe. Júlio Fiorentini à Cúria Arquidiocesana. O doutor Fiorentini gaba-se de evoluções novas na heresia do beato, pois foi ele quem as provocou:

"Pois o Conselheiro não é mais Nosso Senhor Jesus, mas sim o Espírito Santo encarnado. E esta heresia pode-se dizer que fui eu o causador porque tendo mostrado aos povos a impossibilidade da segunda encarnação de Jesus Cristo, tendo feito ver com muitas explicações que só Jesus Cristo virá no fim do mundo julgar os vivos e os mortos, não teve mais jeito o tal Conselheiro senão dizer: Vós estais enganados, não sou a segunda pessoa na SSma. Trindade, mas sim o Espírito Santo. E os povos estão tão convencidos que

---

não há quem possa convencê-lo<sup>53</sup>."

A heresia do Conselheiro constatada por Fiorentini é fruto de discussões teológicas como "inquisidor". O Conselheiro é obrigado a justificar sua missão diante de uma Igreja decidida a obstruir qualquer pretensão leiga. Ela argumenta com a obediência à autoridade do papa, do bispo, do padre. Somente eclipsando estas autoridades será possível ao Conselheiro manter sua vocação. Neste contexto se entende, se ele diz, que tem a sua missão diretamente de Deus, e assim também se entende, que colocando-se em linha direta com Deus ele assume numa discussão funções próprias do Filho de Deus ou do Espírito Santo para assim assegurar a sua missão. O seu propósito é insistir diante da Igreja em sua vocação divina, e não há pretensão de ser o Cristo.

É esta sua insistência na autoridade e missão divinas que fazem com que ele seja excomungado. É o "orgulho" como dizia Fiorentini que o coloca como "lobo no rebanho". Quando D. Luís Antônio dos Santos, arcebispo da Bahia, condena o Conselheiro por suas "doutrinas perversas", ele pensa antes de tudo na desobediência do Conselheiro perante as autoridades eclesiásticas. O arcebispo, porém, não consegue impedir que Antônio continue sua missão. O governo estadual se abstém de intervir em favor da Igreja. D. Luís aspirava à colaboração do poder civil, mas o tempo era de conflito. Por fraqueza do clero baiano e omissão das autoridades o Conselheiro ganha uns anos de moratória para si e seus seguidores; a condenação já fora lançada sobre o movimento, mas não tinha chegado a hora de ser executada.

Duante anos ficou pendente o conflito. Somente uma nova constelação política daria à Igreja a oportunidade de eliminar o quisto. Esta constelação se caracterizaria por uma renovada colaboração entre os dois poderes, Igreja e Estado. Enquanto largas faixas do clero combatiam ainda o novo regime, a hierarquia já mudava de posição tentando um movimento de aproximação, movimento esse que ultramontanos leigos militantes não entendiam e não aprovavam, da mesma forma também não o baixo clero e menos ainda o povo simples. Tampouco entendiam a carta do Papa avisando à Igreja no Brasil que não havia incompatibilidade entre a República e o catolicismo.

O novo arcebispo da Bahia não se distingue dos outros bispos nesta orientação nova. Dom Jerônimo Tomé da Silva foi transferido para a Sé baiana em 12 de setembro de 1893 e assume em 26 de fevereiro de 1894. Ele também persegue a política de aproximação do poder espiri-

---

53 Pe. FIORENTINI, em carta, ao Cônego Miranda, Inhambupe s.d. Arquidiocese de São Salvador da Bahia, Arquivo da Cúria Metropolitana.

---

tual ao secular. Por ocasião de sua transferência, ele, numa Pastoral, traça a necessidade da colaboração dos poderes seguindo, desta maneira, as instruções do Papa Leão XIII.

“O remédio portanto para os males que asoberbam a nossa estremecida Pátria, consiste em chamar a Jesus Cristo do exílio, em acatar a sua Igreja, respeitar seus direitos, queremos dizer: consiste na volta à vida e aos costumes cristãos, porquanto daí é que depende a prosperidade das nações... Salvo ficará o Brasil dos males que o oprimem, se cristianizarmos nossa vida, nossos costumes, nossos sentimentos, nossas leis. A religião... não pode... ser posta à margem na vida política dos povos, na administração dos negócios públicos. Somos cristãos sempre e em toda parte... Não queremos que o Estado escravize, como outrora, a Igreja, nem que dela se separe. Queremos a união pacífica dos dois poderes, porque esta reunião é indispensável aos interesses da sociedade, e abre estrada larga e franca à tranquilidade da consciência nacional”<sup>54</sup>.

Quando, então, vem o pedido do governo de obter dois missionários para dispersar o povo do Conselheiro, a Igreja o vê como uma oportunidade de instalar-se novamente no governo espiritual da nação. Os canudenses rebeldes se tornam um desafio para ela quanto à sua capacidade em colaborar com a paz social.

Consciente deste desafio Frei João Evangelista de Monte Marciano faz tudo para dispersar o movimento. Quando não o consegue por causa da resistência dos canudenses, ele denuncia haver, no arraial, além de um cisma eclesiástico, um “estado no Estado”. Desta maneira, considerando esgotados os “meios brandos” de persuasão entrega o movimento à “força das armas”. Antônio e seu séquito foram sacrificados no altar da reaproximação dos dois poderes, quando a Igreja tentou recuperar as posições-chave perdidas na separação.

De um ano para outro a Igreja esquecera-se de suas lutas de sobrevivência contra maçons, liberais e protestantes. Estabeleceram-se entre os dois poderes a convivência e conivência no poder. A Igreja foi aceita como parceira do Estado. Em Canudos, porém, no sertão da Bahia, lutavam os sertanejos pela verdadeira “Religião Católica”, pela “Lei de Deus”, contra os “maçons, republicanos e protestantes”, contra a República “atéia”, a “Lei do Cão”. A Igreja, convivendo e pactuando com os antigos inimigos, tendo largado a sua anterior posição, culpa os sertanejos de serem fanáticos e desobedientes e os entrega na mão do Estado que não conhece perdão. Na convicção de ser única administradora da

---

<sup>54</sup> D. Jerônimo Tomé da SILVA: *Carta Pastoral* por ocasião de sua transferência da Sé Episcopal do Pará para a Sé Metropolitana de São Salvador da Bahia. Bahia, 1894, 26-27.

“verdade divina” pretende substituir “fanatismo” e “superstição” do povo pequeno, e agride os sentimentos católicos profundos dos pobres para os quais a tradição herdada significa a força da sobrevivência. Assim, feridos na sua fé tradicional, estes chamam os ministros da Igreja reformada de “padres falsos” e, traídos por ocasião da missão capuchinha, intitulam os emissários da Igreja traidora de “maçons, republicanos e protestantes” protestando e dizendo que para a salvação basta o Conselheiro. Na ausência de uma Igreja profética surge o profeta leigo.

### 3. A espiritualidade

A partir do ideário religioso manifesto no manuscrito e elucidado pelos fatores condicionantes destacam-se três atitudes religiosas que circunscrevem a espiritualidade do Conselheiro. Como profeta do Altíssimo ele proclama, num tempo em que parte da população não teme mais o poder de Deus e outra não confia mais no amor divino, a soberania de Deus que se concretiza ou no seu poder justiceiro ou no seu amor acolhedor. Influenciado pelo Pe. Ibiapina procura em sua vida o “Bom Jesus dos pobres e aflitos” e tenta imitá-lo. Ele é profeta do Altíssimo e servo do Bom Jesus num clima apocalíptico, que faz com que encene o êxodo confrontando-se com o mundo, as elites e a Igreja.

#### *a. O profeta do Altíssimo*

A pregação dos prodígios de Deus, da sua condescendência amorosa para com os homens é um tema central da pregação do beato. Ele tem consciência de ser um profeta, de ser enviado de Deus. Em tempos difíceis, ele se sente chamado a confessar a sua fé, a “publicar as maravilhas do amor de Deus” (cf. AC 438,441). Ele considera sua pregação não fundamentada em palavras de humana sabedoria, mas, sim, em espírito e virtude (cf. AC 460). Prega o amor e o temor ao Deus Altíssimo, tenta acender em todos os corações as chamas do amor de Deus (cf. AC 429) e prega o castigo divino aos impenitentes e hereges (cf. AC 445).

Desse modo, a pregação do beato escapa a uma visão apocalíptica pura. Antônio quebra o esquema apocalíptico a partir da sua experiência fundamental da proximidade atuante de Deus. O vidente apocalíptico é pessimista quanto à presença de Deus na história. Segundo ele, Deus está afastado da história e do mundo, não há, aos menos, uma atuação salvífica e judicial do lado de Deus. Ele nem intervém para chamar à penitência. Desta visão apocalíptica destaca-se a profética que Antônio ostenta. Em tempos, em que o vidente apocalíptico vê a batalha pelo mundo sendo vencida por Satanás, o profeta, na pessoa do

---

Conselheiro, anuncia a chegada atuante e vitoriosa de Deus onipotente, verdadeiro Senhor do mundo. Enquanto o apocalíptico nas suas visões faz um elenco dos progressos do Anticristo, o profeta proclama a soberania de Deus e vê por toda parte as obras da grandeza de Deus.

Para ele existe naturalmente a batalha entre a "Lei de Deus" e a "Lei do Cão", mas Deus convoca os homens a tomar parte nela. A pregação que "Só Deus é grande",

"Só Deus é a suma verdade nunca falta no que prometeu, nem há de faltar. Só Deus é rico e todo-poderoso, por ser o Senhor do céu e da terra, do mar e de todos os mais bens e haveres deste mundo..."(AC 477)

é um grito de guerra, um chamado à batalha. Como os profetas no Antigo Testamento, o Conselheiro exorta o seu povo a combater no lado de Deus, convoca a manter e erigir a "Lei de Deus", a reconhecer a "lei da graça", a confessar nosso Senhor Jesus Cristo como verdadeiro Salvador e Fundador da Igreja Católica contra a impiedade dos judeus e maçons (cf. AC 475). Na situação da atual opressão não se deve temer o sofrimento, deve-se sustentar a verdadeira fé da verdadeira Igreja e combater o demônio e as suas hostes (cf. AC 601-602).

Aos convertidos, o Conselheiro prega um Deus que se revela no amor e na bondade. É sabido que aqueles que escutavam e seguiam o Conselheiro eram, em sua grande maioria, o povo "pequeno" e "miserável". O beato prega um Deus salvador num tempo, em que uma grande parte dos sertanejos anda desiludida de um Deus bondoso e considera o céu para eles fechado. Em meio de tantas desgraças, ou já perderam a fé, como constata o cronista de Pe. Ibiapina, ou se dirigem em penitências extremadas a um Deus que castiga. Além de sofrer uma autoculpabilização religiosa, os mais miseráveis são culpabilizados pelas faixas dirigentes da nação. São eles, os marginalizados e ociosos, denunciados como perigo e ameaça para a sociedade. A estes mais miseráveis, ao "povo pequeno" dirige-se o Conselheiro ultrapassando a mensagem apocalíptica. Indicando-lhes o Anticristo, liberta-os da culpabilização generalizada e dirige-lhes a boa nova de um Deus bondoso e do advento da salvação. Revela-se aqui o sentido profundo do esforço que o beato empenhou em elaborar uma teologia condescendente.

Constrói o beato uma história de prodígios de amor feitos por um Deus bondoso, na qual ele insere as vidas dos seus ouvintes. Podem eles sentir-se abraçados pelo amor deste Deus. Assim, ordena-se o caos das experiências de condenação e castigo divinos e de opressão e exclusão humanas para afirmar o amor de Deus e a promessa da salvação eterna. Enquanto perscruta a história pelos sinais da corrupção do mundo e do progresso dos maus, o vidente apocalíptico confina-se numa visão



pessimista que somente lhe dá forças para a paciência e aceitação passiva dos males. O conselheiro, porém, não pára na narração da história corrupta dos homens, para ele a verdadeira história é a "História da Salvação", ele focaliza os eventos salvíficos. Não que não saiba da "história humana", mas deixa-a de lado. E quase não se referindo a ela sustenta que a "História de Deus" é maior e mais importante do que a "história" opressora dos homens. Colocando a "História" em primeiro lugar e deixando a "história" em segundo, ele liberta de um passado imobilizador aqueles que estavam sendo oprimidos pela "Lei do Cão".

A pregação do Deus soberano, Senhor da "História", que chega como Deus da salvação ou Deus do julgamento é de grande significado histórico. A Boa Nova do Deus de amor, expressão de luta do Conselheiro por uma teologia condescendente, é sinal de inspiração profética. Em tempos desgraçados, em que, além do mais, os missionários não acharam por bem e oportuno anunciar um Deus de amor, o beato devolve Deus ao povo. Deus se torna novamente um Deus dos simples e pobres. Abrem-se céu e história. A pregação que "só Deus é grande" revela-se como um protesto profético contra a miséria e a marginalização religiosas e sociais dos pobres do sertão.

#### *b. O servo do Bom Jesus*

Antônio assume a "vida apostólica", tendo diante dos olhos a vida dos beatos, ermitães e missionários, especialmente a do Pe. Ibiapina, que mantinham vivo no sertão este ideal cristão antigo. Considera-se ele servo do Bom Jesus (cf. AC 539, 552-553) e anda "neste mundo imitando Deus, nosso Senhor"<sup>55</sup>.

A concepção que Antônio tem do Senhor é a do Jesus evangélico, do Cristo pobre, humilde e sofredor que salvou os homens pelo sofrimento e pela morte e que volta vitorioso e glorioso. Segue ele a pobreza e a humildade de Jesus na vida errante que representa a indigência do Filho de Deus, quando veio ao mundo (cf. AC 12). Como Jesus, ele foge das comodidades e vaidades do mundo (cf. AC 488). As penitências na longas caminhadas, nos prolongados jejuns com abstenção total da carne são entendidas como imitação da vida de Jesus (cf. AC 93-93-99). A virtude da mansidão e humildade de Cristo se concretizam no perdão e na renúncia à violência (cf. AC 321), no amor que se deve aos inimigos (cf. AC 332-333), na Vitória do mal pelo bem e na aceitação das injúrias pelo amor de Deus (cf. AC 334).

A imitação e a pregação de Jesus Cristo, pobre, humilde e sofre-

<sup>55</sup> N. MACEDO: *Memorial de Vilanova*. Rio de Janeiro, 1964, 70; cf. também 129.

---

dor, abre o olhar do servo para o "outro": para o pobre, o doente e o marginalizado. Levando ao povo o Bom Jesus, Antônio denuncia o rompimento da ordem cristã do mundo: a opressão e marginalização do povo simples. A força constestatória tem seu centro na pregação da salvação que o Bom Jesus traz, mas ela se exterioriza no acolhimento e na proteção que Antônio dispensa aos pobres. Privados dos bens desta terra e do prestígio humano os pobres se sentem também privados da salvação. E o acolhimento pelo beato Ihes abre novamente o caminho ao céu. Para acreditar, porém, na salvação eterna eles precisam de um penhor na terra. Salvação eterna e valorização da vida neste mundo se entrelaçam na espiritualidade do Bom Jesus. O Bom Jesus dos pobres e aflitos veio para salvá-los, mas não deixa de atendê-los nesta terra. O Conselheiro, servo do Bom Jesus, dando-Ihes um lugar no céu deu-Ihes igualmente um lugar na terra. Belo Monte é lugar de penhor de salvação e de vida humana digna. É a "arca de Noé", mas pode ser confundido pelos pobres com o milênio, "terra de promessa" onde corre de leite o rio e são de cuscuz os barrancos.

### *c. O peregrino à pátria celeste*

Antônio adota o título de "peregrino"; assim ele subscreve os seus manuscritos, assim ele vive até o último momento de sua vida. Esta atitude religiosa aprofunda e complementa as de profeta e servo, especialmente em que pesa a dimensão escatológica. Perante um mundo rompido, que provoca emigração ou cangaço, os eremitães e beatos escolhem o ideal cristão de peregrino. Largam o mundo de egoísmo e dominação e peregrinam em busca do lugar santo, ilha de liberdade e fraternidade. Para o Conselheiro a vida neste mundo é uma peregrinação. Vendo a transitoriedade do mundo o beato dirige toda a sua atenção a Deus que é a única realidade estável e absoluta (cf. AC 343, 615s). Segundo o exemplo de Maria despreza "o mundo e suspira pela pátria Celeste, nossa verdadeira morada" e exclama: "Quando te verei, pátria querida?" (AC 56). Antônio só se ocupa de Deus, pensa em Deus, e suspira por Deus (cf. AC 91) Estar com Deus é todo o seu desejo (cf. AC 343-346, 540-541). Quer dar a Deus o que é de Deus. Este serviço implica a rejeição da tirania dos republicanos. "A Deus só obedecemos" (AC 566) significa subtrair-se do governo dos ateus, não pagar impostos, rejeitar o censo como nova ameaça de escravização, não deixar correr dinheiro republicano nem deixar-se mais aprisionar pelo novo regime. Nega-Ihe toda autoridade desconfiando dos efeitos terríveis, que este porta, e procura a "Lei de Deus", que dá verdadeira paz e sossego (cf. AC 569). A corrupção do mundo e a conseqüente iminência do Reino

---

de Deus o fazem sair do mundo. O êxodo é a negação dos poderes heréges, que governam o mundo, e a procura de um governo melhor. O abandono deste mundo não leva Antônio a uma pregustação individual do céu que significaria o mero suspiro pela pátria, nem à reclusão de um mosteiro que prefiguraria a terra prometida, mas ao sertão que, segundo a tradição popular, é o lugar da onipresença do diabo. Lá encontra os "vadios", os "ociosos", os "desajustados", os fugidos de serviços mal pagos, os desempregados, os migrantes e os flagelados. Em busca de Deus Antônio se irmana com estes desclassificados, torna-se "irmão" dos miseráveis.

As ciências humanas revelam o alcance implícito da figura do peregrino. Sua marginalização voluntária, sua pobreza e penitência, quando se irmana, dá aos excluídos da sociedade uma nova identidade. A exclusão se transforma em eleição. Pela irmanação do peregrino, os miseráveis se tornam "Filhos de Deus", predestinados à salvação<sup>56</sup>.

#### *d. O projeto alternativo: a comunidade de Belo Monte*

O peregrino que caminha e reza — os olhos fixos em Deus — é segundo a interpretação antropológica de Roberto da Matta o verdadeiro revolucionário, capaz de realizar um projeto alternativo:

"Seu caso é criar outra realidade. Sendo assim seus instrumentos de relação com o mundo são as rezas. Em vez de discursar e escrever (como faz o caxias produzindo seus atos e decretos), cantar e dançar (como faz o malandro, produzindo seus sambas), o renunciador reza e caminha, procurando a terra da promessa, onde os homens finalmente poderão realizar seus ideais de justiça e paz social. Desse modo, enquanto o malandro promete uma vida de 'sombra e água fresca', onde a realidade interior é mais importante que o mundo, e o caxias acena precisamente com seu posto, o renunciador procura juntar o interno com o externo e criar um universo alternativo e novo. Ele não promete uma vida mais elevada no sentido de ascensão social e econômica. Sua promessa é a de todo um mundo social renovado. Malandro e caxias prometem carnavais e paradas. O renunciador promete um mundo novo, um universo social e alternativo, como o fez Antônio Conselheiro e, em escala menor, todos os nossos cangaceiros e bandidos sociais..."<sup>57</sup>.

O projeto da comunidade de Canudos brota, de maneira simples e orgânica, da vida apostólica de Antônio. Já no início da sua vida itinerante se fez acompanhar por homens chamados "apóstolos". Poucos

---

<sup>56</sup> Cf. A. ZALUAR: *ob. cit.*, 105; também J. G. CONSORTE: "A mentalidade messiânica". Em VV.AA.: *A vida em meio da morte*. São Paulo, 1983, 47.

<sup>57</sup> R. da MATTÁ: *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, 1981, 3ª ed., 205-206.

---

anos mais tarde o seu séquito é a "Companhia do Bom Jesus" ou simplesmente "o povo da Companhia", que lhe assiste nas missões e construções. Ele mesmo pensa que congrega em sua companhia gente boa e má como Nosso Senhor Jesus Cristo quando andou pelo mundo. Desse modo, o ideal de vida apostólica como é descrito em Lc 9,1 ss já transparece nos princípios. Esse ideal continuará em vigor na vida de Canudos. A vida apostólica será o berço da nova comunidade do Belo Monte.

Em função da religião se organiza a vida em Canudos. A entrada no arraial era ligada à conversão. Não bastava o batismo cristão. Para pertencer aos fiéis do Bom Jesus, ao povo do Conselheiro, era necessário converter-se e emendar-se, aderir e professar a "verdadeira religião" como as quadrinhas populares o deixam claro<sup>58</sup>. Quando uma família chegava a Canudos, ela tinha que entregar o seu santo de casa para ser guardado juntamente com as outras imagens de santos no santuário. A devoção ao santo familiar ou pessoal era subordinada à devoção da comunidade, que era a "Religião do Bom Jesus".

Para ir a Canudos e integrar-se na "Companhia de Jesus", muitos cortam todos os laços com o mundo, deixam, em certos casos, mulher e filhos para trás, ou vendem tudo e chegando, com toda a família, fazem questão de colocar todo o dinheiro aos pés do Conselheiro, imitando a prática dos primeiros cristãos em At 4,35. A conversão e a vida nova exprimem-se também no apelo do beato de viver uma vida santa. Os convertidos não podiam mais recair no pecado, são predestinados a receber o prêmio da eterna glória (cf. AC 37,448, 454,624). Devem seguir minuciosamente a Lei de Deus (cf. AC 443-551) e viver em distância do pecado: ficar longe do mundo, fugir do menor pecado para não cair em maior<sup>59</sup>, manter casto o olhar (cf. AC 425) para não sucumbir à tentação, como o beato o exemplifica, não olhando para as mulheres: "verdade, diz Honório, que ele não conversava com fêmeas<sup>60</sup>." Recomenda às mulheres recato e castidade que podiam levá-las até o martírio (cf. AC 414). Foram excluídas da convivência santa as prostitutas, os bêbedos e os criminosos. A comunidade de puros não suportava em seus trabalhos a colaboração dessas pessoas, nem, de maneira igual, ações impuras como por exemplo xingar e praguejar. O Conselheiro combatia "o roubo, a mentira, o homicídio, impediu que vivessem juntos os casais não casados na Igreja<sup>61</sup>". Quando excluía alguém,

---

58 Cit. em E. da CUNHA: *ob. cit.*, 72, 79.

59 Cf. N. MACEDO: *ob. cit.*, 69.

60 ID.: *ib.*, 40.

61 Manoel CIRÍACO em *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1953, 12.

---

este não quisera emendar-se. De resto, vivia e pregava o perdão como virtude maior. Assim, recuperava muitos desajustados e criminosos ao ponto que todos viviam uma vida segura e regrada.

Reaviva Antônio a utopia religiosa da Igreja primitiva que permaneceu latente no ideário católico popular e que os pobres durante séculos conservaram. Pela palavra do profeta vem à tona "o mundo esquecido do Cristianismo primitivo<sup>62</sup>" que é "feito de rejeição do mundo e de simplicidade evangélica<sup>63</sup>". Em extensão da sua "vita apostólica" dos inícios missionários ele cria uma família segundo as imagens de At. 2,42 ss. e 4,32 ss. Em Canudos os "doze apóstolos" exercem uma função preeminente, e o núcleo da população é formado pela "companhia do Bom Jesus". Instala-se a "Lei de Deus" que é mais benéfica do que a "lei dos homens". Todos são irmãos, considerados iguais, repartem seus bens, colocando tudo em comum. São contentados os anseios elementares do povo por uma pátria para os sofridos, desiludidos e esbulhados, de um lugar de esperança, de conciliação, de recuperação, de uma vida mais santa, na qual abundam as práticas religiosas e tudo está envolvido num clima de oração<sup>64</sup>. No estabelecimento da "Lei de Deus" em Canudos, torna-se visível e palpável o Reino de Deus. A comunidade representa a concretização da salvação, é sacramento salvífico, meta que a Igreja desde os seus inícios procura realizar. Deus desceu à terra. Mesmo quando Honório Vilanova se esforça por nivelar diante da curiosidade do repórter o caráter próprio de Belo Monte, distingue-se ainda das suas palavras a particularidade desta comunidade que era a fusão da realidade divina e humana:

"Canudos era uma vila qualquer como qualquer outra, levando uma existência normal com sua comunidade e organização próprias, onde coabitavam a fé em Deus e os mistérios simples e humanos. O Peregrino era um bom e inofensivo beato que vivia para apontar os caminhos da salvação eterna<sup>65</sup>."

É, porém, no horizonte escatológico, que as características do Belo Monte ganham seu sentido completo. A ascese, os jejuns, as penitências não valem tanto pelo significado moral que têm, mas são atitudes apropriadas para abrir caminho à segunda vinda de Cristo. A conver-

---

62 N. COHN: *Na senda do Milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Lisboa, 1980, 49.

63 V. BO: *La religiosità popolare*. Assisi, s.d., 181.

64 Cf. J. B. LIBÂNIO — M. C. L. BINGEMER: *Escatologia cristã*. Petrópolis, 1985, 51.

65 N. MACEDO: *ob. cit.*, 31.

---

são obrigatória e sem compromissões, a predestinação, a tentativa do Conselheiro de evitar a recaída no pecado, a exclusão dos pecadores, o êxodo e a segregação do mundo contaminado pelos "incrédulos" preparam a comunidade para a parusia e a entrada franca no céu. Antônio está convencido de que Belo Monte, sendo a Igreja santa e única, não passará. Contra dúvidas exorta os seus:

"Onde está vossa fé: Não tendes paciência para esperar a promessa que o adorável Jesus faz a São Pedro, dizendo: tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mat., Cap. 16, v.18). Afirmo-vos, penetrado da mais íntima certeza, que o Senhor Jesus e Todo-Poderoso é fiel para cumprir a sua promessa" (AC 614, cf. 435,439,455).

A perseguição que os republicanos fazem à "Religião do Bom Jesus" não será coroada de triunfo. Em sua fé que Belo Monte era a comunidade santa dos fins dos tempos, a Igreja Santa e Única, teimava que ela persistisse até o Juízo Universal iminente. Esta confiança na palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo lhe dava, além da certeza salvífica, um otimismo histórico que foi ao ponto de o beato esperar a reconstituição da monarquia antes da parusia. Haveria ainda um tempo de paz para os justos e fiéis antes do fim do mundo.

A pretensão do Conselheiro de ter uma função escatológica deve ter sido histórica, de outra maneira não fazem sentido a crítica e a afirmação de Pe. Fiorentini, que no fim do mundo apareceria unicamente o próprio Jesus Cristo. Querer ter uma função no fim do mundo, diz ele, significaria igualar-se a este. O Conselheiro reage recuando, não quer ser Jesus Cristo, mas continua insistindo em sua função escatológica ao que Fiorentini o condena por arrogar-se funções próprias do Espírito Santo<sup>66</sup>. Se Antônio se considera "Pastor" do rebanho escatológico é difícil dizer. Ao menos considera-se profeta escatológico. Nesta função, ele tem a tarefa de reunir um povo santo e puro que aguarda a vinda do Senhor. Chegam a sua meta os caminhos de Deus neste mundo: completa-se em Canudos a restauração da Igreja una, santa e católica que vai triunfar com o Cristo glorioso.

Belo Monte não é paraíso, a "terra promissão", mas é o lugar que garante a salvação, é a "arca de Noé". Antônio se manteve fiel à sua vocação e condição de peregrino, criou uma comunidade que, segundo o modelo da Igreja primitiva, peregrina no horizonte dos fins dos tempos ao encontro do Cristo glorioso. Assim, confessa o Conselheiro no fim da sua "Prédica sobre a cruz". Apesar da realização de sua sociedade

---

66 Pe. FIORENTINI: *carta cit.*

---

alternativa o projeto visa a consumação no outro mundo. A comunidade de Belo Monte tornou-se sacramento da salvação, mas o peregrino continua peregrinando com os seus rumos à glória plena de Deus e à salvação definitiva que irromperão em breve com a volta do Filho do Homem e se realizarão no céu.

## CONCLUSÃO

A vida de Antônio Conselheiro, sua pregação e atuação, são uma resposta à situação de profunda miséria em que fazia a população sertaneja. A crise do homem portava consigo a crise de Deus. Não havia mais caminho para o céu, nem um Deus disposto a trazer a salvação. O mundo corrompido leva o Conselheiro a vaticinar, nos moldes da apocalíptica popular, a chegada do Antricristo. As elites intitulas de "maçons", "republicanos" e "protestantes" derrocando com suas inovações o mundo tradicional, ameaçando a Igreja Católica, desprezando o "povo pequeno", levando grandes faixas de população à miséria e ao desespero, são vistos como destruidores da "Lei de Deus" e construtores da "lei dos homens", sendo, desse modo, tanto inimigos de Deus quanto dos pobres que têm Deus como único protetor e consideram a "lei humana" opressora e escravizante.

Nesta situação dramática o Conselheiro prega a vinda iminente do Deus Altíssimo capaz de conduzir os seus à salvação eterna e condenar os orgulhosos à perdição do inferno. Abre assim aos pequenos o caminho da salvação que estes, no estado de miséria, já pensavam ter perdido. Para alcançá-la, porém, era necessário manter-se fiel à "Lei de Deus", converter-se à "lei da graça" e defender a "Religião do Bom Jesus". Antônio quebra o providencialismo passivo, que tanto marcou o catolicismo popular. O Deus distante e pálido facilitou que a "Lei de Deus" se tornasse um sem número de obrigações. A doutrina da Igreja, prescindindo da dimensão profética, fez dela uma soma de exigências e proibições divinas imobilizando o homem. Pela pregação profética a lei petrificada se torna benéfica. A "Lei de Deus" se preenche com prodígios e benefícios e convida o homem à ação. Sob providência benevolente do Senhor da História o profeta convoca o seu povo a colaborar com as "maravilhas do amor de Deus" que dispõem os homens a tomarem atitudes concretas na história.

Esta visão obrigava, na prática, ao êxodo deste mundo infestado pela "Lei do Cão". Pela pecaminosa valorização deste mundo e de seus bens feita pelos hereges e tida como grande escândalo pelos pobres, a fuga do mundo e o desprezo dos bens terrenos, do luxo e das vaidades se fazem necessários. Tornam-se resposta contestatória. Conselheiro dei-

---

xa a tirania do Anticristo e se põe a caminho para um lugar onde se pode viver sob a "Lei de Deus" na preparação da parusia. Aguarda-se a salvação definitiva trazida pelo Filho do Homem que está para vir em glória a conduzir os seus ao prêmio prometido e a confundir e condenar os pecadores.

A preparação para a parusia dá a Canudos traços de uma comunidade escatológica. É um povo santo congregado por Deus. Este dilata o tempo para que muitos ainda possam afluir convertendo-se e vivendo uma vida pura, afastada do pecado e mantendo o estado de graça. É aqui o lugar, onde as diretrizes individuais e espiritualizantes da *Missão abreviada* ganham uma reinterpretação comunitária, escatológica.

Mas não é esquecida a vida nesta terra. A grandeza do amor de Deus e os benefícios do Bom Jesus já são eficazes no presente. Iniciaram-se Reino de Deus e salvação. A pregação profética da bondade de Deus, que agiu, age e agirá, coincide com a visão do catolicismo popular de que a bondade de Deus abrange tanto a vida terrestre como a celeste. Não consegue separar os bens terrestres dos celestes. A vida celeste deve prefigurar-se neste mundo. A crise espiritual, a falta de fé num Deus de salvação, é superada somente quando, nesta terra, há "prefiguração do céu". Belo Monte se torna esta "prefiguração do céu", sacramento da salvação. São atendidas as necessidades da vida material e espiritual e é, na qualidade determinante de comunidade escatológica, povo eleito e predestinado, dirigido o olhar para a iminente vinda de Deus. Em função de um ideal religioso são remodeladas estruturas sociais e políticas, cria-se uma convivência econômica e social inusitada no ambiente, que pôde ser entendido, às vezes, como o milênio.

Se Belo Monte é uma resposta ao Deus iminente e às necessidades do povo pequeno, igualmente implica em ser resposta à sociedade global. A convivência em Canudos se torna um protesto radical e conseqüente contra a sociedade que se implanta. Não se pagam impostos. Não é reconhecida a República com todas as inovações que traz. Não corre dinheiro republicano denunciando-se assim sua força opressora. Aumentam-se os exercícios religiosos, enquanto a sociedade global se seculariza. Acredita-se na providência de Deus, enquanto ao redor se prega a fé no progresso humano. O protesto foi entendido pelos republicanos, liberais e positivistas. Como Canudos colocou em risco o sistema social, tornando-se "estado no Estado", provoca uma resposta violenta.

A vida evangélica da comunidade escatológica é sinal também de dissidência com a Igreja oficial, enquanto esta não acompanha o beato na leitura dos sinais dos tempos; não se convence da dramaticidade da hora, não acredita no iminente Juízo de Deus e na necessidade de conversão e criação de uma comunidade de santos que acolhe a vinda de



---

Deus. Ela é tida como traidora, constituída por "maus padres" que o Conselheiro não abraça. Aqueles que não aderem à religião do Bom Jesus pactuando com a República são considerados como os próprios hereges "maçons, republicanos e protestantes".

Igualmente importa o projeto de Canudos numa "radicalização" do ideário do catolicismo popular. O ideal popular da sociedade rústica é sobrepujado por um ideal que se nutre das fontes do catolicismo popular autêntico. O catolicismo popular real, vivido no Brasil, já estava em fase de declínio. As suas fontes, porém, se encontram nos séculos XII-XIV, quando se descobriu a humanidade de Cristo nos Evangelhos e se começava a valorizar e imitar a vida evangélica. O Conselheiro na sua pregação de Deus-Pai dos pobres e do Bom Jesus e na sua imitação da vida evangélica reaviva o capital latente do catolicismo popular, reformando e inovando-o.

Desta espiritualidade, que é uma reapropriação profética de Deus e Jesus Cristo, nasce um projeto capaz de constituir uma sociedade religiosa alternativa, capaz de atuar politicamente criticando e protestando contra as realidades sociais existentes. Pode-se dizer com J.B. Libânio que

"ao apresentar ao povo o plano de salvação de Deus aparece em seguida a defasagem e a incompatibilidade desse plano com as situações criadas pelos homens"<sup>67</sup>.

De maneira impressionante se justifica, na figura e no movimento de Antônio Conselheiro, a visão de Roberto da Matta que os peregrinos, os caminheiros, os fiéis do Deus Altíssimo ansiando pela chegada definitiva do Reino constróem nesta terra a "outra" sociedade. Uma vez recuperado o "céu, este "novo céu" puxa uma "nova terra".

Talvez, esta interpretação histórico-teológica tenha contribuído para uma compreensão mais adequada da figura e do movimento de Antônio Conselheiro no seu tempo. Cada interpretação, no entanto, não se interessa, apenas, pelo passado, mas procura entender a "verdade" do evento para o tempo atual. A "verdade para nós" de Antônio Conselheiro e Canudos — como ficou claro nas entrelinhas — diz respeito a realidades teológicas que hoje nos preocupam muito, como são a "força histórica dos pobres", o "sensus fidei et ecclesiae" do povo católico simples. Em que se pensa e de que se fala quando se constata que há uma "Igreja que nasce do povo?" De qualquer maneira, o movimento do Conselheiro continua sendo um desafio para a Igreja de hoje, pois

---

<sup>67</sup> J. B. LIBÂNIO: "Igreja que nasce da religião do povo". Em C. BRANDÃO et alii: *Religião e catolicismo do povo*. Curitiba, 1977, 166.

---

continua sua história sob diversas formas no panorama das Igrejas cristãs no Brasil. É um desafio, antes de tudo, para a hierarquia como também para os "agentes" (2ª ilustração!) pastorais e a elite teológica.



**Alexandre Otten S.V.D.** é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia no Instituto Teológico de São Paulo (ITESP). Sua tese doutoral " *Só Deus é grande*". *A mensagem religiosa de Antônio Conselheiro* será publicada pelas Ed. Loyola (São Paulo), na Coleção "Fé e realidade".

**Endereço:** Caixa postal 12605 – 04798 São Paulo - SP